



1.

Iaakov Markovitch não era feio. Que não se conclua disso que era bonito. Garotinhas não desatavam a chorar por causa de seu aspecto, tampouco sorriam ao ver seu rosto. Ele era, seria possível dizer, um glorioso meio-termo. Mais do que isso: suas feições eram espantosamente destituídas de singularidade, a ponto de o olho não conseguir se demorar nelas, seguindo adiante para se fixar em outras coisas. Uma árvore na esquina, um gato num canto qualquer. Para continuar a percorrer a aridez do rosto de Iaakov Markovitch era preciso despende enormes esforços, de modo que raramente as pessoas o faziam durante muito tempo. Isso também tinha suas vantagens. O comandante de seu pelotão logo as percebeu. Ele olhou para o rosto de Iaakov Markovitch apenas durante o tempo necessário e desviou o olhar. Então disse: Você vai contrabandear armas. Com esse rosto, ninguém vai perceber.

E ele tinha razão. Iaakov Markovitch contrabandeou armas, talvez mais do que qualquer outro membro do Irgun, e jamais esteve nem perto de ser apanhado. O olhar dos soldados britânicos deslizava por seu rosto como óleo numa pistola. Se os membros do Irgun o admiravam por sua ousadia, Iaakov Markovitch nunca chegou a saber. Poucos falavam com ele.

Quando não estava contrabandeando armas, trabalhava no campo. Nos fins de tarde, sentava-se no quintal da casa e alimentava pombos com migalhas de pão. Muito rapidamente reunia-se lá um bando permanente, que comia de sua mão e pousava em seu ombro. Se os garotos da comunidade agrícola o vissem certamente cairiam na risada, mas ninguém pulava a cerca de pedra. À noite ele lia textos de Jabotinsky. Uma vez por mês viajava para Haifa e transava com uma mulher, a quem pagava. Às vezes era a mesma, às vezes era outra. Não se detinha

no rosto delas, nem elas no dele.

Iaakov Markovitch tinha um amigo: Zeev Feinberg era antes de mais nada um bigode à frente dos olhos azuis, das sobrancelhas espessas, dos dentes afiados. O bigode era famoso em toda a região, e, segundo alguns, no país inteiro. Quando um membro do Irgun voltou de uma operação no sul, contou que “uma garota, enrubescendo, perguntou se o sultão bigodudo ainda estava conosco”. Todos riram, e Zeev Feinberg mais do que todos. Quando o fazia, o bigode tremia, tempestuosamente, em ondas sucessivas, trepidante e alegre como estivera seu dono entre as coxas da garota. Era evidente que Zeev Feinberg não estava destinado a contrabandear armas, porque seu bigode o antecedia como se fosse um desfile de pontos de exclamação pretos. Era preciso ser cego e bobo para não o notar. De fato os ingleses eram bobos, mas seria demasiado otimismo supor que também fossem cegos. Se Zeev Feinberg não podia contrabandear armas, ele sabia afugentar árabes muito bem, e isso ele fez em muitas noites, nos arredores da colônia.

Poucas eram as noites que Zeev Feinberg passava sozinho. Quando se sabia que era seu turno de guarda, logo alguns amigos se juntavam a ele. Uns queriam ouvir as aventuras de seu bigode entre as coxas das mulheres, outros queriam conversar sobre a situação política e os malditos alemães, e outros ainda queriam apenas se aconselhar quanto a criação de gado de corte, erradicação de ervas daninhas e como arrancar dentes do siso – alguns dos assuntos nos quais Zeev Feinberg se julgava um especialista. Garotas iam também. Zeev Feinberg era sem dúvida um guarda atento e responsável, com um dedo sempre no gatilho, mas assim mesmo é preciso lembrar que Deus dotou os homens de dez dedos, e não sem motivo.

O cheiro dos campos após a chuva, um sabor de perigo – um farfalhar ali, um árabe ou um porco selvagem – e os gemidos, que às vezes se ouviam através das paredes. E às vezes quem ia até ele era Iaakov Markovitch, levando debaixo do braço o exemplar desgastado dos escritos de Jabotinsky, já impregnado com seu suor. Zeev Feinberg o recebia de bom grado, como

recebia todos os outros. Estava tão acostumado com companhia que não saberia como não ser sociável mesmo se o quisesse. Nem os ingleses ele detestava de verdade, e quando matava um homem o fazia a contragosto, embora com muita eficiência. Tinham conversado pela primeira vez quando Iaakov Markovitch, tarde da noite, voltava de Haifa.

“Alto!”, trovejou a voz de Zeev Feinberg no escuro. “Quem é você e de onde vem?”

Iaakov Markovitch sentiu as pernas tremerem, mas respondeu com a voz firme: “Sou Iaakov Markovitch. Estou vindo de transar”.

A gargalhada de Zeev Feinberg acordou as galinhas. Quando se sentaram para conversar ele fez mais perguntas, e Iaakov Markovitch respondeu de boa vontade. Falou dos bicos dos seios da mulher, que eram muito jeitosos, e concordou em descrever com detalhes suas nádegas e suas pernas, sem exigir de Zeev Feinberg nem mesmo uma libra como pagamento por uma informação que lhe custara metade de sua renda semanal.

No fim, Zeev Feinberg inclinou-se para Iaakov Markovitch e perguntou: “Diga, estava muito molhado ali?”.

O bigode de Zeev Feinberg fazia cócegas na bochecha de Iaakov Markovitch, mas ele não ousou se mexer. Nunca ninguém tinha olhado para ele durante tanto tempo.

Por fim percebeu que não podia refugar mais e respondeu: “Do que está falando?”.

“Do que estou falando?” O bigode de Zeev Feinberg deu uma chicotada em Iaakov Markovitch e o empurrou para trás. Seus olhos azuis se arregalaram num espanto tão grande que quase engoliram o outro e os escritos de Jabotinsky. “Estou falando da vagina dela, amigo. Estava molhada, e quanto?”

O nome explícito deixou Iaakov Markovitch tonto, levando-o a sentar em uma pedra. Zeev Feinberg sentou-se a seu lado. “Você deve saber, ou assim espero, que pode haver vários graus de umidade. As levemente úmidas, as molhadas e até algumas – hihihi – nas quais você pode se afogar como se fosse o Mar Negro. Isso depende, é claro, da alimentação da garota e do

clima, e mais ainda do desejo que existe entre o homem e a mulher.” Depois disso Zeev Feinberg tornou a perguntar quão molhado estava, e Iaakov Markovitch teve de reconhecer que não notara nem um pingo de umidade. “Nada nada?”

“Nada nada. Seca como os campos no final de agosto.”

Então foi a vez de Zeev Feinberg ficar calado por um longo tempo. Por fim, ele disse: “Neste caso, amigo, sugiro que verifique se ela não tem outros. Com certeza conhece a lei da conservação da matéria. No corpo humano há uma quantidade limitada de fluidos, e eu temo, meu amigo, que sua mulher lá em Haifa os esteja pondo para fora na presença de outro homem”.

Iaakov Markovitch respirou aliviado e declarou que agora tudo estava claro: a mulher de Haifa tinha dito que ele era o quarto naquela noite, e, tendo em vista a lei da conservação da matéria, era lógico ele não ter encontrado água por lá. Zeev Feinberg soltou uma estrondosa gargalhada, e Iaakov Markovitch sentiu-se obrigado a se juntar a ele. Não sabia do que estava rindo, e não queria saber. Era agradável rir com aquele homem cujo bigode preenchia o vale inteiro e cujo riso ecoava pelo país. Se havia alguma zombaria no riso de Zeev Feinberg, ela logo se desfez. O riso em si continuou por muito tempo. ele riu e riu até aparecer uma pequena mancha nas calças na altura da virilha, e quando percebeu isso riu ainda mais. A partir daquela noite Iaakov Markovitch e Zeev Feinberg ficaram amigos.

Iaakov Markovitch salvou a vida de Zeev Feinberg duas vezes na mesma noite. Quando voltava uma vez de Haifa, foi correndo para o posto da guarda, porque pela primeira vez na vida havia visto dois seios que não tinham o mesmo tamanho. Enquanto pensava no que Zeev Feinberg diria daquilo, vislumbrou um jovem árabe agachado entre uns arbustos, o cano de seu fuzil apontado para um vulto em movimento que, tudo indicava, devia ser Zeev Feinberg montado em alguma mulher. Seria tentador dizer que Iaakov Markovitch não hesitou. No entanto, até aquela noite só tinha contrabandeado armas, e, com exceção das ratazanas que infestavam os campos e cujas cabeças ele

esmagava, nunca havia matado nenhuma criatura. Mesmo assim, superou o tremor nas pernas, ergueu uma pedra branca e lisa do chão em silêncio e num só golpe forte esmagou a cabeça do jovem. O barulho de um tiro varou a escuridão e os tímpanos de Iaakov Markovitch. Ele apalpou o corpo para ver se estava ferido e constatou que a pistola de Zeev Feinberg tinha errado o alvo. “Sou eu”, gritou, “não atire!”

Os balbucios de agradecimento de Zeev Feinberg se perderam nas ondas de vômito. Bastou Iaakov Markovitch olhar para o jovem estirado no solo para seu estômago transbordar. O sangue brilhava ao luar e o cérebro exposto o deixava enjoado. Os grilos, apesar de tudo, continuavam a cricrilar. Em seu desespero, Iaakov Markovitch fechou os olhos, trancou as portas de sua mente à visão do jovem e de seu cérebro derramado e agarrou-se com todas as forças aos seios da mulher de Haifa. Quando abriu os olhos, eles estavam diante de outros seios, admiravelmente simétricos. Rachel Mandelbaum, tremia seminua de pé ali, ao lado de Zeev Feinberg. O choque fora tamanho que se esquecera de se cobrir, e estava à sua frente em todo o seu esplendor, gemendo e soluçando ao ver o corpo do árabe. Quando Iaakov Markovitch olhou para os seios de Rachel Mandelbaum seu membro intumescceu e endureceu. Quanto mais endurecia, mais sua mente relaxava até deixar completamente de lado a imagem do árabe esmagado. Devagar, penetrou em seu cérebro a percepção de que estava olhando para os seios de Rachel Mandelbaum, apesar de ele não ser, de modo algum, Avraham Mandelbaum. Ante essa constatação Iaakov Markovitch parou de olhar para os seios dela, virou-se para Zeev Feinberg e disse: “Avraham vai matar você”.

Conhecedores e leigos discordavam quanto ao número de pessoas que Avraham Mandelbaum tinha matado. Havia quem dissesse dez, outros, quinze. E havia os que descartavam com desprezo esses exageros e afirmavam taxativamente que não eram mais do que quatro. Por fim entraram num acordo em um número típico: sete. Embora todos supusessem que se tratava de árabes, no máximo algum inglês, ninguém podia garantir. As

moscas pensavam duas vezes antes de se aproximar de Avraham Mandelbaum. Os gatos não se esfregavam em suas pernas. Se houvesse uma guilhotina na colônia, Avraham Mandelbaum seria escolhido para operá-la. Como não havia, teve de se contentar com a função de *shochet*, o magarefe ritual. Poucos sabiam que, enquanto dormia, ele chorava de saudades em polonês, murmurando frases sem sentido sobre um cordeirinho branco, uma maçã do amor e as maldades das crianças. Rachel Mandelbaum ouvia e entendia, e saía da cama em silêncio. Fora em silêncio também que saíra do navio cinco anos antes. Ficara ali calada, no porto de Haifa, esperando que alguma coisa acontecesse. Havia se valido de toda a sua coragem para sobreviver à viagem até a Palestina e, agora que chegara, não tinha mais forças a não ser para ficar ali de pé e esperar. E não teve de esperar por muito tempo. Meia hora depois Avraham Mandelbaum aproximou-se e se apresentou. Comprou um refrigerante num quiosque para ela e a levou para sua casa. Rachel Mandelbaum foi atrás dele como um patinho que saía do ovo, deixando-se levar da entrada do porto pela primeira figura que vira.

Tempos depois, ela se perguntava o que ele tinha ido fazer no porto no dia da chegada do navio. Não tinha nada nas mãos e não comprara nada durante todo o tempo que ficara com ela naquele dia. Ele não tinha parentes, por isso Rachel Mandelbaum supôs que não fora receber ninguém. Nisso ela estava enganada. Com intervalos de algumas semanas, Avraham Mandelbaum ia até o porto para receber navios. Quando a fome é grande, só olhar basta para preencher, e bem, o vazio no estômago. Avraham Mandelbaum olhava as pessoas que desciam do navio, seus rostos esverdeados, seus membros pálidos, e tentava identificar neles algum traço conhecido. Após algum tempo todos se dispersavam, e Avraham Mandelbaum voltava para casa. No dia em que avistou Rachel ele soube imediatamente, porém esperou trinta minutos angustiantes para ter certeza. Ninguém foi recebê-la. Ela não deu um passo sequer. Em seu vestido verde, parecia ser uma garrafa que fora jogada em alto-mar e chegara até

a praia, enquanto ele era o sobrevivente solitário que ia recolhê-la e ler sua mensagem. Avraham Mandelbaum a levou para casa e casou com ela, mas nunca conseguiu decifrar as palavras escritas.

Rachel Mandelbaum, quando solteira Kenzelfuld, despiu o vestido verde e fez cortinas com o tecido. Do vestido de festa vermelho fez duas toalhas e uma capa de almofada. Cinco semanas após ter desembarcado, quase nada restava da garota de cidade. A casa toda estava cheia de monumentos de sua vida anterior, que desbotavam cada vez mais, desfaziam-se cada vez mais, até parecer que nunca tinham estado lá, na Palestina. As outras mulheres olhavam para ela com um misto de admiração e espanto. Por um lado, era bom constatar como se adaptava bem, não como aquelas mulheres mimadas que chegavam pensando que estavam numa estância de veraneio perto de Zurique. Por outro, com que indiferença fez modelos da última moda virarem cortinas, o *crème de la crème* de Viena se transformando em suas mãos num pano de mão no açougue do marido. Rachel Kenzelfuld também deixou de falar alemão. No momento em que pisou no porto de Haifa jurou que só falaria hebraico. Como não sabia uma só palavra, preferia ficar calada, mesmo que seu interlocutor falasse alemão. Quando funcionários da direção comunitária foram visitar a colônia, um deles ouviu dizer que a mulher bonita na porta do açougue também tinha nascido na Áustria. Foi imediatamente falar com ela, num ímpeto emocionado que teve como resposta uma expressão vazia e muda. Rachel se entrincheirou em seu silêncio e a comitiva, constrangida, tratou de ir embora. As mulheres, que tinham aprendido a gostar daquela jovem tão séria, elogiaram sua dedicação à língua hebraica. A história da imigrante atrevida que dera uma lição ao funcionário no tópico “hebreu, fale hebraico” ganhou impulso, e muitos a cumprimentavam na rua. Rachel respondia com um ligeiro sotaque. Seus verdadeiros motivos permaneceram ocultos, talvez até mesmo para ela. Numa percepção profunda, sabia que se deixasse a mais estreita brecha o luto de sua vida anterior ia transbordar e preencher o país inteiro. Os vestidos, as festas, a luz que se refletia nas pedras

lavradas do calçamento das ruas, os flocos de neve – tudo fora trancado atrás de grades e cadeados. Um único olhar para trás e, como Eurídice, ela ia despencar até o doce, tão doce, inferno europeu.

Durante o dia, Rachel Mandelbaum ajudava o marido no açougue, o cheiro de sangue a envolvendo como um perfume. À noite, sentava-se na cama e tricotava, com os pontos bem apertados, para que não se esgueirasse um único pensamento sobre o passado. Porém, uma vez por mês, largava o tricô e saía silenciosamente da cama. Avraham Mandelbaum gemia num polonês antiquado, Rachel acariciava sua cabeça com mão hábil e saía de casa. Lá fora, a Palestina dormia. A terra respirava pesado, com seu hálito de cheiro de terra, laranjais e palha. E no meio de tudo aquilo Zeev Feinberg a estava esperando. Ela fechava os olhos e ele beijava seu pescoço. O bigode dele arranhava sua pele delicada, transparente. Mas Rachel não afastava o pescoço. Ao contrário: mais e mais ela se esfregava nos pelos duros. E, para além dos laranjais, da palha, do porto, do grande mar, vinha-lhe a lembrança do bigode de um soldado austríaco, Johann era seu nome, e do cheiro de vinho que emanava de seus lábios quando a beijava, e do sangue em suas veias quando a deixava tonta numa longa valsa vienense. Naqueles momentos os olhos de Rachel Mandelbaum ficavam úmidos, assim como sua vagina.

2.

Na noite em que Iaakov Markovitch esmagou a cabeça do jovem árabe, os olhos de Rachel Mandelbaum não tiveram tempo de ficar úmidos. Alguns momentos antes Zeev Feinberg tinha despido a blusa dela e sem demora enfiado o rosto entre seus seios. O soldado austríaco chamado Johann nunca chegara a visitar o vale entre seus seios. O contato do bigode de Zeev Feinberg ali não despertou sensação alguma, exceto, talvez, a de uma leve comichão. Rachel Mandelbaum ponderou por um instante se seria apropriado desviar a cabeça de Zeev Feinberg de seus seios para seu pescoço, porém antes que conseguisse chegar a uma decisão ouviu o som asqueroso de um crânio sendo esmagado. Rachel conhecia esse som muito bem. Apesar de ser pouco frequente, no momento em que o ouvido o capta ele é inequívoco. Numa noite clara em Viena, quando caminhava de sua casa para o café da praça, Rachel Kenzelfuld tinha visto três rapazes empurrando um judeu idoso. Passavam-no de um a outro, como se fosse uma bola, e Rachel espantou-se ao descobrir nas feições deles a inocência e o prazer tão característicos de crianças brincando. Então um deles empurrou de modo desajeitado o velho, que tropeçou e caiu na calçada. Sua cabeça chocou-se com a beirada de pedra. O judeu já não era mais uma brincadeira, e sim um brinquedo quebrado, uma bola murcha, vazia. Os jovens olharam para ele assustados. Após alguns instantes um deles engoliu em seco e disse: “Vamos embora. Achamos outro”. Eles seguiram seu caminho, e Rachel o dela. Uma semana depois embarcava no navio. Todas as noites, quando seu ventre parecia que ia explodir de náusea e de saudades, ela se lembrava do som do crânio se esfacelando.

Quando Iaakov Markovitch disse a Zeev Feinberg “Avraham vai matar você”, Rachel Mandelbaum se deu conta de que estava

com o torso nu diante dele. Um rápido olhar em seu rosto bastou para ver que Iaakov Markovitch não tinha nem sombra de bigode, de modo que Rachel Mandelbaum não viu justificativa alguma para aquilo, e tratou de cobrir-se rapidamente, perturbada com a ideia de que agora três homens da comunidade conheciam a marca que tinha no seio direito. Se soubesse o que se passava no espírito de Iaakov Markovitch provavelmente não estaria preocupada. Em comparação com os seios assimétricos da mulher de Haifa, os de Rachel Mandelbaum eram uma criação celestial, e Iaakov Markovitch decidiu que sem dúvida valiam o sacrifício de um árabe imolado. No entanto, pensou, o sacrifício de um árabe já era mais do que suficiente, e não era necessário acrescentar àquilo o de Zeev Feinberg, que afinal tinha parado de agradecer e agora soltava palavrões em russo como um marinheiro.

“Idiota, imbecil, maldita seja a cadela que pariu você.” No início Iaakov Markovitch supôs que ele estava se dirigindo ao árabe, mas, enquanto o amigo alisava o bigode com sua mão ursina, compreendeu que estava xingando a si mesmo. “Dentro de três minutos vão chegar aqui trinta homens, e isso ainda não vai bastar para livrar meu pescoço das mãos de Avraham Mandelbaum. Aaahh, seu porco em engorda, hoje você vai para o matadouro.” Zeev Feinberg voltou a cofiar o bigode, e Iaakov Markovitch sentiu que ia assistir, bem na sua frente, à extinção de uma das maravilhas do mundo, como se à queima da Biblioteca de Alexandria.

“Largue esse bigode”, urrou, assustado com o som da própria voz. “Vamos enfrentá-lo nós dois.”

Zeev Feinberg obedeceu, para alívio de Iaakov Markovitch e Rachel Mandelbaum. O medo em seu rosto deu lugar a uma expressão que, de certos ângulos, parecia ser de desprezo. Era mais de uma cabeça mais alto que Iaakov Markovitch e quase duas vezes mais largo. Os setenta e oito quilos de Iaakov Markovitch não iam decidir aquele embate, que na verdade terminara antes de ter começado. Ele percebeu sua expressão e sentiu um aperto no coração. Ouviram-se ao longe as vozes dos

homens que tinham despertado com o tiro. Avraham Mandelbaum com certeza vinha na frente.

“Corra”, gritou Iaakov Markovitch. Zeev Feinberg não se moveu. “Vou dizer que estava voltando de Haifa e vi um árabe atacando Rachel. Você estava fazendo a ronda no setor norte, ouviu gritos e atirou para o alto. Vá, vá!” Sob o bigode, os lábios de Zeev Feinberg se entreabriram de espanto. Não demorou muito para saltar em cima de seu cavalo e sair a galope. Rachel Mandelbaum olhava para Iaakov Markovitch como se o estivesse vendo pela primeira vez. Palavras de apreço em alemão lhe vieram à cabeça, mas não sabia dizê-las em hebraico, por isso ficou calada. E talvez fosse melhor assim. Não fora por ela que Iaakov Markovitch tinha ousado se arriscar tanto. De fato os seios de Rachel Mandelbaum eram redondos e bonitos, mas o bigode de Zeev Feinberg era mais único e especial do que eles. Era o único bigode que se erguia quando Iaakov Markovitch chegava, num sorriso de boas-vindas.

Os homens cercaram Iaakov Markovitch num meio círculo. Nunca tantos olhos tinham se fixado nele ao mesmo tempo. Contou sua história pela segunda vez, olhando para Rachel a cada poucas frases, como a pedir confirmação. Os assentimentos dela lhe pareceram exagerados, e ele temeu que fossem ser prejudiciais. Afinal, ninguém grita na rua que dois e dois são quatro, basta dizer isso baixinho, mas a cabeça de Rachel subia e descia com uma devoção quase religiosa. Avraham Mandelbaum também percebeu. O rubor nas faces de sua mulher pareceu-lhe vermelho demais, e embora lhe fosse difícil distinguir entre o rosado que colore o rosto no rancor e o do prazer, os lábios dela estavam intumescidos, como no coito. Quando Zeev Feinberg chegou afinal, montado em seu cavalo, as sobrancelhas de Avraham Mandelbaum se contraíram como duas cabras pretas que se apertam uma contra a outra numa noite fria.

“Você demorou a chegar”, observou o secretário-geral da comunidade. “Dei a volta em todo o perímetro para ver se havia outros.”

Balbuícios de aprovação foram ouvidos do público, e Iaakov Markovitch permitiu-se respirar afinal, inalando ar normalmente.

“E você, no que estava pensando quando saiu para vagar por aí a uma hora dessas?”

Rachel Mandelbaum fixou o olhar no solo e disse: “Insônia”.

A lua tornara a surgir entre as nuvens e a iluminava como um refletor no palco. Parecia tão frágil, com seus olhos baixos e sua blusa rasgada, que não houve um só varão que não desejasse tomá-la nos braços e defendê-la na própria cama, e se não fosse Avraham Mandelbaum era razoável supor que fariam aquilo. Só ele não olhava para a própria mulher, os olhos fixos na braguilha de Zeev Feinberg, aberta como uma boca clamando aos céus. Zeev Feinberg enxugou uma lágrima de solidariedade com a dor de Rachel Mandelbaum, notou o olhar do marido dela e apressou-se a fechar a braguilha.

“Não é agradável contar isso, mas quando ouvi o tiro ia urinar pela sexta vez esta noite. Isso é o que acontece quando não se tem com quem conversar, ocupa-se a boca bebendo. Passo noites inteiras assim, bebendo e urinando. Bebendo e urinando.”

Os homens soltaram uma gargalhada, enquanto Rachel Mandelbaum sorriu educadamente. Avraham Mandelbaum ficou calado.

No dia seguinte, por volta das sete e meia, ouviram-se batidas fortes na porta de Iaakov Markovitch. Era Zeev Feinberg. “Arrume-se rápido. Ele descobriu.” A caminho de Tel Aviv, quando o matraquear das rodas do trem silenciava as convulsões do estômago de Iaakov Markovitch (fazer o jejum tinha sido impossível), Zeev Feinberg contou o que havia ocorrido. “Quando amanheceu, Avraham Mandelbaum resolveu transar com a mulher. Despiu sua blusa e descobriu uma horrível erupção vermelha no peito dela. Reação alérgica ao atrito do bigode, por causa da pele delicada da região. Aiaiai, que pele linda. Puro leite. E ainda tem aquela marca, você viu?” Iaakov Markovitch respondeu que não, mas que gostaria de saber como Zeev Feinberg se salvara da faca do magarefe. “Essa é

exatamente a questão, ele não resolveu a tempo qual faca usar. Levou cinco minutos para escolher, tempo suficiente para Rachel ir correndo dizer à minha Sônia que nos alertasse. Só que Sônia é muito menos seletiva e exigente que Avraham Mandelbaum.” Zeev Feinberg arregaçou a camisa e mostrou a Iakov Markovitch cinco arranhões compridos e vermelhos. “Juro, essa mulher tem a força de dez homens.” Iakov Markovitch assentiu com admiração. Zeev Feinberg começou a comparar Sônia com uma série de mamíferos, desde o lobo até a hiena, mas Iakov Markovitch só olhava, com inveja, para os cinco sulcos sanguinolentos abertos no peito do outro. “Nunca pensei que seria possível uma mulher sentir tudo isso por você.” No mesmo instante Zeev Feinberg parou de falar da cadela do mato que tinha parido Sônia e assentiu. “O coração dela é do tamanho de um pombo, e uma vagina que é pura água doce.” A essa altura Zeev Feinberg começou a fazer uma descrição detalhada da vagina de Sônia, sua doçura, sua cor rosada, a umidade morna e alegre com que o recebia. “Seios como os de Rachel talvez Sônia não tenha, mas ela faz você rir até seus ovos se enrolarem.” Neste ponto Zeev Feinberg irrompeu num riso tão grande que o trem acelerou a marcha, e por fim suspirou: “Quando voltarmos vou me casar com ela. Vou mesmo, de verdade”.

Os olhos de Zeev Feinberg estavam cheios de boas intenções, e Iakov Markovitch quase acreditou nele. Mas aí ele baixou o olhar para o bigode e lembrou-se de como se eriçava quando via, com o canto do olho, uma mulher lhe sorrir, trêmulo como os delicados bigodes de um gato quando um rato se aproxima. E lembrou-se também do gato que ficava na porta do açougue esperando as esmolas de Rachel Mandelbaum, saciado e gorducho, e mesmo assim, quando dava com um passarinho ferido, o maltratava, não tanto por instinto de caçador quanto por hábito. Zeev Feinberg era um verdadeiro revolucionário, comunista na plena acepção da palavra. Dividia seu amor em partes iguais, sem dar preferência a uma ou a outra. “Vou me casar com ela”, repetiu Zeev Feinberg, batendo com a mão na

coxa, como a declarar que o negócio estava fechado. “Desta vez, vou me casar com ela.”

Quando o trem chegou a Tel Aviv, Zeev Feinberg estava mergulhado em descrever a Iaakov Markovitch o banquete do casamento. Já tinham servido nas mesas arenque, *chala* doce e carne assada. Iaakov Markovitch comia com as orelhas, que aparentemente conduziam o alimento para o estômago de outra pessoa. Sua barriga estava vazia havia muitas e longas horas. Por fim, ousou interromper Zeev Feinberg e perguntar para onde estavam indo e se haveria comida lá.

“Vamos encontrar Froike”, disse Zeev Feinberg. “Se o conheço bem, você não vai sair de lá com fome.”

Iaakov Markovitch gelou no assento. “Está se referindo ao vice-comandante do Irgun?”

“Ele mesmo.”

“De onde o conhece?”

O comandante do pelotão do grupo de combate de Iaakov Markovitch falava do vice com a maior reverência. O próprio Iaakov Markovitch nunca ousara sequer sonhar em encontrar com o homem, que segundo constava estaria disposto a engolir uma granada e expeli-la pelo ânus se fosse ajudar na redenção do país.

“Chegamos juntos no mesmo navio”, declarou Zeev Feinberg, e continuou a andar.

Mas é claro que havia algo mais. Naquele navio tinham chegado mais quatrocentas pessoas, e nenhum passageiro havia se ligado a outro do mesmo jeito que Zeev Feinberg e aquele que viria a se tornar o vice-comandante do Irgun. Eles compartilhavam o mesmo amor pelas mulheres, piadas e o jogo de xadrez, o que também acontece com muitos outros, só que em pouquíssimos casos com tanta força e intensidade. Como o navio era pequeno, com cerca de cinquenta mulheres solteiras, quase trinta boas piadas e um só jogo de xadrez, decidiram deixar para trás o espírito de posse exclusivista europeu e dividir tudo equitativamente. Só num aspecto continuaram a ser fanáticos como antes: vencer. Quando o navio chegou às costas

da Palestina os dois estavam imersos num tempestuoso jogo de xadrez. Ao ouvir o grito do capitão do navio, Zeev Feinberg pôs o bispo sobre a mesa e se levantou. O futuro vice-comandante do Irgun lançou-lhe um olhar petrificante. Desde que saíra da Europa nenhuma lâmina tocara seu rosto, e já parecia de novo com o aluno de *ieshivá* que um dia fora – somente seus olhos diziam que já tinha provado do pecado e não ficara saciado. “A quem começa uma *mitsvá* se diz que a complete”, ele o repreendeu. “Esperamos dois mil anos, vamos esperar mais quinze minutos.” Enquanto todos se agitavam à sua volta e os botes eram descidos até a água, eles continuaram a jogar. Nenhum dos dois olhou para o relógio. Tantas bocas doces esses dois já tinham saboreado que nenhum deles se apressou a lambe os torrões da Terra Santa. Após vinte minutos, o capitão do navio irrompeu no quarto. “Se os ingleses pegarem vocês, vão poder jogar xadrez durante todo o percurso de volta à Europa!” O futuro vice-comandante do Irgun pareceu considerar seriamente a hipótese. Por fim acedeu. “Espero que consiga nadar com um braço só, Feinberg, pois com o outro vai levar suas peças de xadrez.”

Com a mochila estourando de cheia às costas e o jogo de xadrez na mão, correram para o convés. Cada um levava suas peças, guardando o tempo todo a posição em que estavam no tabuleiro. Então o capitão dirigiu-se a eles e mandou que ajudassem uma grávida e suas duas filhas pequenas. Quase se negaram. Por fim decidiram: entre a mochila, as imigrantes ilegais e o jogo de xadrez interrompido, sacrificaram a mochila. Zeev Feinberg agarrou a grávida e as peças pretas.

O futuro vice-comandante do Irgun dividiu sua atenção energicamente entre as duas meninas chorosas e as peças brancas, garantindo que não desaparecessem entre as ondas. Quando chegaram à praia, despediram-se da mulher agradecida, roçaram os lábios num beijo de cortesia no rosto enrugado da Terra Santa, e descobriram estarecidos que tinham esquecido qual era a situação no tabuleiro. Passaram a noite inteira na praia, em suas cuecas ensopadas e de peito nu, discutindo qual era a

posição correta. Quando os ingleses chegaram na manhã seguinte era como se os dois tivessem estado na praia desde sempre. Por fim partiram para percorrer o país, de cueca. Zeev Feinberg seguiu para o norte e o futuro vice-comandante do Irgun foi

para Tel Aviv, onde se tornou o vice-comandante do Irgun. Em uma das vezes em que se encontraram, quando Zeev Feinberg perguntou como era possível que um homem que quase largara uma imigrante ilegal grávida em troca de uma torre no jogo de xadrez fosse dirigir o programa sionista de imigração ilegal, seu amigo respondeu que ele só tinha trocado uma obsessão por outra. “Aqui também temos peões brancos e pretos. E aqui também eu detesto perder.”

Iaakov Markovitch e Zeev Feinberg estavam sentados diante da mesa do vice-comandante do Irgun. O primeiro, encolhido e contido, o corpo como que sugado por si mesmo. O segundo, altivo, com pernas abertas e membros relaxados. Apesar de seus olhos se fixarem continuamente no vice-comandante do Irgun, Iaakov Markovitch não conseguia deixar de atentar para a diferença abismal entre sua postura e a de Zeev Feinberg. Iaakov Markovitch pensou consigo mesmo: há pessoas que caminham pelo mundo como se tivessem caído nele por engano, como se a qualquer momento alguém fosse pôr a mão em seu ombro e gritar em sua orelha: “O que é isso? Quem lhe permitiu entrar? Por favor, rápido, fora daqui”. E há pessoas que não caminham pelo mundo. Elas navegam nele, cortam as águas em todo lugar por onde passam, como um barco seguro de si. Não era inveja de Zeev Feinberg que Iaakov Markovitch sentia naquele momento. Era um sentimento mais complexo. Iaakov Markovitch ficou ali sentado na sala do vice-comandante do Irgun, olhando as pernas estiradas de Zeev Feinberg, constrangido ao ver as próprias pernas encolhidas, pensando em quantas salas ainda ia se sentar com os membros recolhidos junto ao corpo e se algum dia conseguiria estirar os membros com tanta liberdade mesmo não estando sozinho. Foram esses pensamentos que o fizeram se aprumar de repente, estender a mão para o vice-comandante do

Irgun, que até aquele momento não lhe dirigira uma só palavra, e dizer: “Iaakov Markovitch, a seu dispor”.

No silêncio que se seguiu, compreendeu que cometera um erro. Pelo visto os dois estavam no meio de uma conversa importante: planos ousados para a defesa da Terra Santa, posições sexuais especialmente complicadas, uma jogada brilhante de xadrez a ser analisada e aprimorada – e a declaração de Iaakov Markovitch não se encaixava em nenhum desses casos. O vice-comandante do Irgun examinou Iaakov Markovitch com um olhar parecido com o do médico da colônia agrícola quando avaliava um exame de fezes e depois virou-se de novo para Zeev Feinberg. “E de que tamanho é essa marca que ela tem?” O vice-comandante do Irgun era um conhecido apreciador de marcas de nascença. Seus rivais alegavam que preferia as marcas ao próprio corpo da mulher. Quando Zeev Feinberg contou o caso que começara com os seios de Rachel Mandelbaum e terminara na faca de Avraham Mandelbaum, o vice-comandante do Irgun ignorou a faca – disso ele já tinha mais do que o bastante – e focou nos seios. Zeev Feinberg não se importou com aquilo. Admirava seu amigo por saber separar o joio do trigo, e voltou alegre aos seios de Rachel Mandelbaum. Só que então aconteceu uma coisa estranha: sempre que evocava os seios dela, eles se transformavam a seus olhos nos de Sônia. Embora os de Rachel fossem mais bonitos – redondos, doces e muito, muito firmes, diante dos seios de Sônia ele se enchia de tal alegria que não queria expulsá-los do pensamento. E, assim, o que ocorreu foi que descrevia para o vice-comandante do Irgun os seios de Rachel enquanto via na imaginação os seios de Sônia, até que de repente ficou com medo de se confundir e começar a descrever para o amigo os seios de Sônia, o que não queria fazer.

Zeev Feinberg parou de falar. Pela primeira vez desde seu encontro com o vice-comandante do Irgun no convés do navio sentiu ter nas mãos algo que não tinha intenção de compartilhar. Iaakov Markovitch também ficou calado. Ainda se maldizia pelo que havia dito. Apesar de toda a sua agitação, percebeu a mudança que ocorrera em Zeev Feinberg: até então ele

recapitulava suas conquistas como se estivesse ruminando, prolongando o prazer da refeição da véspera. Agora, quando falava, seus olhos expressavam um verdadeiro anseio: não era um homem saciado elogiando a refeição que fizera, mas um homem faminto, acossado por saudades. O brilho que se espalhava pelo rosto de Zeev Feinberg quando parecia estar se lembrando dos seios de Rachel Mandelbaum era maior que a alegria que sentira ao estar de fato com ela. Tendo em vista seu fracasso na intervenção anterior, Iaakov Markovitch precisou de toda a sua ousadia para abrir a boca e dizer: “Você ainda vai voltar para Sônia”. Zeev Feinberg olhou para ele surpreso. Depois sorriu. Mesmo assustado no início com a clareza com que Iaakov Markovitch tinha lido seus pensamentos mais secretos, logo esse susto se transformou em alívio – ante o fato de que seu amigo era capaz de penetrar nos mistérios de sua alma, os hieróglifos que, havia muito tempo, perdera a esperança de que alguém além dele mesmo soubesse decifrar.

No primeiro momento o vice-comandante do Irgun se enganou e pensou que era só uma dor de barriga. Só depois compreendeu que a pontada aguda em seu ventre não era outra coisa senão ciúme. Pois havia algo ali, entre os dois homens sentados à sua frente, algo de que ele não participava; e apesar de aquele Iaakov Markovitch não passar de um verme – e Zeev Feinberg devia ter percebido, como não perceberia? –, ele tinha tecido finas teias de seda, encasulara seu amigo com elas e o deixara de fora.

Embora não fosse um grande apreciador da dor, certamente não na própria barriga, o vice-comandante do Irgun ficou contente por sentir os efeitos do ciúme, como quem acha algo que tinha perdido. Havia muitos anos que não sentia uma dor como aquela. Conquanto no exercício de sua função tivesse se especializado em todas as dores que um homem pode infligir a alguém – uma pancada no diafragma, um soco de quebrar o nariz, uma unha arrancada e um talho definitivamente desagradável junto ao órgão genital –, quase esquecera a existência de outras dores. As dores da plenitude. Só quem

tivesse usufruído da plenitude, de algo além de si mesmo, poderia sofrer quando a perdesse. Quando abandonou a *ieshivá* na Polônia e partiu para a grande cidade, as dores da plenitude quase o mataram. Ele marchava pela rua principal e em tudo havia a ausência de Deus. Tudo estava limpo de Deus. Cheio de secularidade. Um pão não era mais do que um pão. Num cálice de vinho não havia uma só gota da *shechiná*, o espírito divino.

O mundo se apresentava diante dele tal qual era, despido de anjos, tremendo de frio, sem a promessa do mundo do além com a qual se cobrir. Na primeira noite na grande cidade o vice-comandante do Irgun sentiu, com toda a sua alma, saudades de Deus; sua cabeça latejava como o rufar de tambores nas festas pagãs. Em seu quarto na hospedaria, ele raspou a barba na escuridão da noite.¹ Não estava enxergando nada. O sangue dos cortes grudou em seus pelos, e eles caíam no chão, tufo após tufo. Deveria ter esperado para fazer isso pela manhã, mas sabia que as saudades empurrariam seus passos de volta, direto para a oração matinal, por isso continuou raspando a barba, e quando terminou atacou os cabelos, as mãos trêmulas, mãos de Dalila, e depois as sobrancelhas também, e os pelos do corpo. Quando a aurora chegou, encontrou-o despido, totalmente nu diante do vazio.

Passaram-se anos. Os pelos do vice-comandante do Irgun tornaram a crescer, e seu coração endureceu cada vez mais. Sentado em sua sala diante dos dois homens, ele ficou mexendo sem perceber numa mecha de cabelo espessa e eriçada. Quando se deu conta, largou imediatamente. Um gesto tão desligado, tão sentimental, não ficava bem num vice-comandante do Irgun. Para corrigir aquela distorção optou por um gesto másculo, característico de vice-comandantes de organizações onde quer que se encontrem, e desferiu um forte soco na mesa. Zeev Feinberg e Iaakov Markovitch voltaram os olhos para ele, o primeiro com curiosidade, o segundo com reverente pavor. Depois de ter socado a mesa sem uma justificativa, o vice-comandante do Irgun teve de pensar rapidamente em algo para dizer. “Parece que vocês estão numa encrenca séria.” Iaakov

Markovitch e Zeev Feinberg assentiram.

O vice-comandante do Irgun tinha a rara capacidade de dizer coisas óbvias de um jeito que as fazia parecer admiravelmente novas e inovadoras. “Esse Mandelbaum, ele viria até Tel Aviv?”

“Até Tel Aviv?”, trovejou Zeev Feinberg. “Ele irá atrás de nós até o Mar Vermelho, se for preciso!” O vice-comandante do Irgun começou a rir, Iaakov Markovitch suspirou baixinho.

“Livre-me disso, Froike”, disse Zeev Feinberg. “Gosto demais disso que tenho entre as pernas para deixar à mercê da faca do *shochet*.”

“Claro que vou livrar você disso, Feinberg. Para que servem os amigos se não para salvar os testículos do outro? Quanto a este seu amigo aqui já não tenho tanta certeza, inclusive não me parece que faça uso deles.” O vice-comandante do Irgun soltou uma gargalhada. Zeev Feinberg se juntou a ele, o que Froike interpretou como entusiástica concordância, enquanto Iaakov Markovitch definiu como gesto de cortesia. Quando terminaram de comentar o uso limitado que Iaakov Markovitch fazia de seus testículos, o vice-comandante do Irgun ficou sério e inclinou-se para eles por cima de sua mesa: “Feinberg, vou enviar você para a Europa”.

No rosto de Zeev Feinberg surgiu uma expressão que se surgisse no rosto de outra pessoa poderia ser chamada de “confusa”. Porém ele, com cento e vinte quilos de energia e músculos, bigode não incluso, não era homem de ficar confuso. A sensação deslizou rapidamente por seu rosto e não encontrou onde se agarrar. Escorreu dos olhos azuis, da boca que continuava sorrindo como antes, do pelo das sobrancelhas espessas. Somente no bigode encontrou uma brecha onde se radicar, e assim a confusão ficou pendurada no canto do bigode de Zeev Feinberg, no lado direito, que quando ouviu a palavra “Europa” eriçou-se, erguendo-se de modo estranho.

“Por Deus, Froike, se isso é mais uma de suas tramas de arenque, eu arranco sua língua.” O vice-comandante do Irgun e Zeev Feinberg caíram numa gargalhada capaz de adoçar segredos e salgar peixes. Iaakov Markovitch tentou completar

com a imaginação algo que não estava captando, e seria de supor que a história que ia tecendo em seu íntimo era muito mais impressionante do que a realidade.

“Não, Feinberg, juro, arenque nunca mais.” O vice-comandante do Irgun enxugou as lágrimas de riso no canto dos olhos, como que a contradizer descuidadamente o mito segundo o qual vice-comandantes não choram. “O caso é o seguinte: a Europa fechou as portas, isso você sabe, e aqui tampouco elas estão realmente abertas. Mas descobrimos uma brecha: o casamento. Uma judia da Polônia ou da Alemanha que se casar com um jovem da Palestina pode sair da Europa sem problema. Um judeu da Palestina que voltar com a noiva da Europa pode entrar em sua pátria sem discussões. Nos últimos meses mobilizamos jovens que vão viajar para a Europa para se casar lá. Depois de voltar, vão se divorciar, e até logo – mais uma nova imigrante na ‘Terra Santa’, mais um jovem todo corado ao receber um beijo de agradecimento. E, talvez, mais do que isso. Sou capaz de apostar que pelo menos dois desses casais vão continuar casados. Uma viagem de navio costuma aproximar corações, você bem sabe disso, e nem todos combatem o tédio jogando xadrez. Por isso, meus cumprimentos, Feinberg. Está prestes a se casar.”

Enquanto o vice-comandante do Irgun falava, começou novamente um novo assalto na luta contra o bigode de Zeev Feinberg. Ao ouvir a última frase, a confusão não se limitou à extremidade direita do bigode, espalhando-se em todo o comprimento daquele monumento, eriçando muitas dezenas de pelos em diversas e estranhas direções, emprestando a Zeev Feinberg o aspecto de uma vassoura que saiu do controle.

“Casar?” Iaakov Markovitch podia jurar ter ouvido um tremor na voz de Zeev Feinberg. “Não tem outro jeito?”

“Só no papel, Feinberg, só no papel. Só que eu, em seu lugar, deixaria minha assinatura nesse papel também!”

Zeev Feinberg ignorou a piscadela do vice-comandante do Irgun. Tinha finalmente decidido se dedicar apenas a Sônia – só uma, em nome de Deus! – e já o diabo assumia a figura do vice-

comandante do Irgun e sussurrava coisas em seu ouvido. Onze dias seria a duração da viagem de navio da Europa à Palestina. Nenhum macho resistiria à tentação. E embora soubesse que a vagina das garotas europeias era árida como as estepes da Sibéria, e mesmo que se enchesse de fluido ficaria frio como as águas do Reno, sabia também que ia mergulhar nas águas geladas e se apresentar a Sônia trêmulo de frio e culpa. Ah, Sônia, deusa de âmbar da Palestina. De fato também ela fora uma vez um iceberg europeu, porém o sol do Mediterrâneo tinha aquecido sua medula e embebido em sua pele aromas de laranjas (a precisão histórica exige que se esclareça que a pele de Sônia estava longe de ter a tonalidade do âmbar e que ela nunca tinha conseguido se bronzear, passando direto do branco leitoso para um vermelho doentio, mas Zeev Feinberg não prestava atenção a isso).

“Arranje outra pessoa, Froike, eu não vou viajar.” O vice-comandante do Irgun olhou para Zeev Feinberg com espanto, e este apressou-se a falar antes que se arrependesse. “Você fez uma proposta tentadora e salvadora, quanto a isso não há dúvida. Mas prefiro ficar aqui. Com certeza tem um esconderijo muito bom, um camelo em cujo estômago possa se esconder para contrabandear explosivos, uma aldeia de camponeses árabes nas montanhas de Jerusalém que tenham de expulsar seus habitantes e ficar de guarda nas ruínas. Posso ir para qualquer um desses. Mandelbaum não vai me achar.”

“Vai achar, sim”, disse Iaakov Markovitch, com os olhos baixos. Uma noite, quando não conseguia dormir, de seu salário não sobrara o bastante para uma mulher em Haifa e os escritos de Jabotinsky não atenuavam sua solidão, saíra para dar uma volta em torno da colônia. Quando voltava, suas pernas fizeram-no passar pela casa do *shochet*. Através da cortina ele viu Rachel Mandelbaum andando pela sala. Remendando uma blusa, espanando o pó de uma almofada bordada, bebericando chá, com o olhar perdido. Rachel Mandelbaum perambulava em casa, mas sua sombra dançava no quintal. Enquanto andava pela sala, a sombra movimentava-se nos canteiros da entrada. Quando batia

na almofada para tirar o pó, sua sombra batia nas paredes da casa. Quando bebia o chá, a sombra ficava imóvel e se estendia até a metade do caminho para casa. Depois de algum tempo Iaakov Markovitch percebeu que não estava sozinho. Sentado na cerca de pedra na entrada do quintal estava Avraham Mandelbaum, olhando de fora para a própria casa, guardando a sombra de sua mulher. Como se o *shochet* temesse que a sombra fizesse o que sua mulher não ousava fazer: erguer-se e desatar a correr toda a distância até o porto de Haifa para embarcar num navio que zarpava para a Europa. Quando Iaakov Markovitch se lembrou da expressão do *shochet* no momento em que o vento fez a sombra de Rachel dançar nos canteiros de flores, soube que ia achá-los. “Nada de esconderijo recôndito, nada de se ocultar na barriga de um camelo, não vamos subir às montanhas de Jerusalém. Vamos para a Europa juntos. E quanto às mulheres, não se preocupe: vou protegê-lo de si mesmo.”

3.

Eles embarcaram num navio quatro dias depois. O mar estava sereno e o pôr do sol, banal. Iaakov Markovitch ficou um pouco decepcionado. Era um homem prático, não um panaca sentimental, mas assim mesmo tinha esperado que no primeiro dia da jornada as poderosas forças da natureza se mobilizassem para apresentar uma cena inaugural digna de nota. Que um bando de cegonhas passasse no céu, que um golfinho arisco se aproximasse da costa, que o sol se pusesse com uma cor especial. Afinal de contas, não era uma simples viagem para a Europa – o que começava ali era a jornada de sua vida. Desde o dia em que nascera, Iaakov Markovitch tinha a sensação de que não era senão uma figura secundária na história dos outros, um enredo marginal, uma lua distante recebendo a luz de algum sol. Era filho de seus pais, subordinado ao comandante de seu grupo de combate e amigo de Zeev Feinberg. Pela primeira vez na vida, Iaakov Markovitch tinha a sensação de ser Iaakov Markovitch, vivendo uma vida que merecia ser contada. Tudo o que acontecera até então tinha sido apenas um esboço, rabiscos distraídos de um artista um momento antes de começar o desenho real, intencional. Por isso não ficou pensando em sua casa na colônia nem teve saudades de seus habitantes, apenas lamentava ter deixado para trás, na fuga, os escritos de Jabotinsky, e ficou com pena dos pombos.

Depois de vomitar até a alma durante meia hora, Iaakov Markovitch olhou para seu reflexo na água. Entre os fragmentos de vômito flutuando, ele discerniu os olhos inexpressivos, o nariz rotineiro, a linha da mandíbula indefinida a ponto de ser tediosa. Mas em sua testa viu algo novo, uma linha agressiva que antes não estava lá. Quando havia surgido ele não sabia. Teria sido quando esmagara com uma pedra a cabeça do árabe, quando

mentira descaradamente para Avraham Mandelbaum, ou talvez quando insistira com o vice-comandante do Irgun, chegando a discutir, que se recusava a incluí-lo naquela jornada? De qualquer maneira, aquilo era um sinal inequívoco. Iaakov Markovitch examinou aquela linha nova em sua testa, a fenda pela qual irromperia a qualquer momento o verdadeiro homem que ele estava destinado a ser. Limpou os restos de vômito nos cantos da boca e voltou para o convés.

Logo constatou que tinha se enganado. A vida num navio era diferente em quase tudo da vida na colônia, mas no que concernia a Iaakov Markovitch ela continuava sendo a mesma. Os olhares dos passageiros deslizavam por seu rosto e seguiam adiante, como as gotas de urina que os homens, na extremidade do convés, despejavam toda noite no mar. Ninguém o odiava ou zombava dele – mas ninguém tampouco buscou proteção no salvador de Zeev Feinberg, o matador de árabes, o enganador de açougueiros, Iaakov Markovitch. Se antes tinha pensado que ia sair da casca primeva de sua juventude, descobria agora que não era uma casca, e sim sua própria pele. Quando Iaakov Markovitch quis se consultar a respeito com seu amigo, descobriu que era uma causa perdida: Zeev Feinberg fora coroado como o inquestionável rei da viagem ainda antes que o navio deixasse o porto. Caminhava pelo píer cercado por um grupo de rapazes, cãezinhos babando querendo sugar mais e mais histórias de quem era sabidamente o melhor amigo do vice-comandante do Irgun. E Zeev Feinberg os atendia. Contava histórias até ficar rouco, cantava canções picantes até a língua perder o fio, fazendo seus ouvintes rir, e rindo mais alto do que eles, afugentando de sua rota um bando de aves migratórias. Embora não tivesse sido designado como comandante daquela operação – o vice-comandante do Irgun tinha confiado a missão alguns meses antes a um jovem chamado Katz –, não havia dúvida quanto a quem seria efetivamente o comandante. Se Zeev Feinberg ordenasse um desvio na rota por três dias nas costas da Grécia para apreciar as garotas locais banhando-se nuas, o capitão teria obedecido, e era razoável supor que Zeev Feinberg

teria feito isso se seu coração não estivesse ardendo de saudades de Sônia. Mas continuou a falar, a cantar e a rir, e só às vezes sentia que sua voz se desprendia do corpo, galopando à frente. Mesmo estando o próprio Zeev Feinberg tão longe, ele ficava cansado de ser Zeev Feinberg. Iaakov Markovitch nunca entendera aquilo, como seria possível se cansar de ser Zeev Feinberg.

Ao amanhecer, sempre se encontravam no convés. Iaakov Markovitch ia verificar se o sol realmente tinha nascido enquanto Zeev Feinberg rumava para a cama após uma noite de bebida e histórias. Ficavam sentados um ao lado do outro em silêncio, Iaakov Markovitch reunindo suas forças para o dia que começava, Zeev Feinberg criando coragem para enfrentar os horrores da noite. Nesses momentos pairava entre eles certa ternura, da qual nunca tinham ousado falar.

Os dias pareciam todos iguais, e assim mesmo iam passando. Quanto mais se aproximavam da Europa mais se sentia um frêmito de inquietação entre os passageiros, que aumentou a ponto de parecer que todo o navio estremecia sobre as ondas, no fervor da expectativa. Falavam sobre isso no café da manhã e no jantar, de pé no convés e deitados na cama. Tanto falaram sobre a Europa que quando finalmente a avistaram calaram-se todos, como se não acreditassem que por trás de suas palavras havia um continente real. Iaakov Markovitch, de pé no convés, olhava para a terra. Parecia que o navio avançava mais rápido do que nunca, atraído ao porto por alguma força magnética. O terceiro polo, o polo europeu, em torno do qual giravam todos os passageiros do navio, ia se concretizando diante de seus olhos. Zeev Feinberg estava a seu lado de olhos fechados, recusando-se a reconhecer com um olhar esse berço de prazeres, no qual só de pensar o coração amolece e o membro endurece. Com a língua fazia rolar repetidas vezes o nome de Sônia, agarrando-se a ele para aplacar tentações e bruxas. Mas a língua parecia sentir de longe a manteiga e o cacau, a macia carne de cervo e bicos de seios endurecendo, e Zeev Feinberg suspirou pela última vez “Sônia”, sem acrescentar mais nada.

Naquele mesmo momento, Sônia estava na costa da Palestina olhando para o mar. Zeev Feinberg tinha finalmente aberto os olhos e via a terra da Europa se aproximar cada vez mais. Ela estava de olhos abertos e não via nada a não ser água. Onze dias antes, exatamente na mesma manhã em que o navio zarpava do porto de Haifa, um sentimento se apossou de Sônia e a levou a contemplar o mar. Daria para ver naquilo uma coincidência armada pelo destino, testemunho da ligação mágica entre um casal de amantes, não fosse o fato de que o sentimento a tinha levado à praia também nos três dias anteriores. No comportamento de Sônia não havia nada de que se pudesse inferir uma suprema intuição feminina, dessas que despertam uma mãe no meio da noite com a percepção de que seu filho foi ferido em combate, ou que a fazem ir correndo assar um bolo na vaga certeza de que ele vai chegar. Não era intuição, e sim dedicação. Quando Zeev Feinberg coçava o nariz, as narinas dela não comichavam. Enquanto ele punha os intestinos para fora por causa da diarreia generalizada no navio, ela dormia o sono dos justos. Não sentiu nada com a aproximação do navio à Europa, assim como não tinha profetizado a data de sua partida do porto de Haifa. Sabia apenas que tinha de esperar por sua volta, e que quando voltasse seria do mar.

As amigas de Sônia zombavam dela por causa da espera. Zeev Feinberg era um homem muito querido, incomparável quando se tratava de diversão, mas não havia bigode que valesse ficar na praia o dia inteiro com cara de Anna Kariênina. Sônia dava de ombros e continuava ali de pé, maldizendo Zeev Feinberg com uma linguagem que era pimenta pura. Mesmo que tivesse sido condenada a esperar, mesmo que amaldiçoada com o pendor vergonhoso das mulheres, onde quer que estejam, para achar um pedaço de areia e dele ficar olhando o mar na expectativa da volta de um homem, pelo menos ela tinha a coragem de se revoltar contra aquilo. Então amaldiçoava Zeev Feinberg com entusiasmo e fervor, em alta voz e com toda a convicção. Seu preeminente bigode tornava-se “uma coleção de vermes pretos” sobre a boca, e seu membro – famoso em todo o vale – era

rebaixado diariamente a um nível dos mais rasteiros. Ela às vezes o chamava de “cebolinha verde”, às vezes de “abobrinha que não vingou”, às vezes o declarava um “criadouro de piolhos”. Um dia afirmou que uma carne tão estragada não era adequada para consumo. Rapidamente pessoas começavam a se juntar para ouvir Sônia insultar Zeev Feinberg. Ela fazia aquilo com uma dedicação que não era menor que aquela com que esperava seu regresso.

Os rapazes da colônia iam até lá para cortejá-la. E não porque fosse bonita. Seus olhos ficavam afastados um do outro um milímetro a mais do que a estética postulava. O sol tinha espalhado sardas em seu rosto, e seu nariz aquilino confirmaria as palavras de qualquer publicitário alemão. Estatura média, seios razoáveis, nádegas sobre as quais nada havia a dizer, a não ser que existiam. Mesmo assim iam todo dia vê-la ali de pé. Os tímidos com um olhar de noiva envergonhada, os ousados com palavras provocantes, incitando-a a desistir de Feinberg e se entregar a um deles. De fato não tinham bigode, e o som de seu riso não fazia cair a folhagem das árvores, mas pelo menos estavam ali, o que não era coisa de desprezar. Sônia lhes agradecia de todo o coração e continuava a amaldiçoar Zeev Feinberg. As mulheres, por sua vez, começaram a amaldiçoá-la. Perguntas do tipo “Mas o que tem ela de especial?” enchiam o ar como um enxame de vespas. Havia quem dissesse que sua dedicação enfeitiçava. Bem no fundo do coração todo homem, mesmo quem não sai para o mar, quer uma mulher que fique esperando na praia por seu regresso. Romantismo barato, e nada mais. A dedicação por si mesma não enfeitiça, a magia depende de a quem se está dedicando. Uma abóbora sem graça de pé numa praia acabará ficando coberta de musgo ou virando um farol. Outros falavam de uma fragrância de laranjas. A pele de Sônia exalava mesmo um cheiro de laranja, pesado, doce e inconfundível. Quando um homem ficava ao lado dela durante o trabalho e inspirava profundamente, sentia-se de imediato no porto de Jaffa, cercado de caixotes da fruta.

O cheiro da laranja é realmente inebriante, mas o aroma do

jasmim e do figo também. Por todo o país havia muitas mulheres que tinham impregnado na pele um aroma especial; todos conheciam a história da moça de Degania que tinha de usar luvas para que os insetos não fossem atraídos pelo mel de suas mãos, e havia uma garota em Rishon LeZsion que diziam recender a mirra tão intensamente que quem fosse alérgico começava a espirrar. Fragrância de laranja é algo muito bom e agradável, mas daí até a loucura do amor é longo o caminho.

O que a dedicação e a laranja não chegavam a explicar, talvez o ardor explicasse. O fogo que ardia em Sônia derretia o gelo, aquecia entranhas, fazia formigar as pontas dos dedos. Nos dias chuvosos de inverno, quando a água escorria pelo rosto e enchia os sapatos de lama e de desânimo, os homens olhavam para Sônia e se excitavam. E no verão, quando toda a colônia ficava coberta por um véu de poeira e as casas se revestiam de um fino açúcar feito de areia e sufoco, ela era a única cujas cores não desbotavam. Não era bonita, todos sabiam, mas assim mesmo voltavam-se para ela, como girassóis.

Um dia, quando estava na praia, Avraham Mandelbaum foi visitá-la. No início ela não notou sua presença. Estava mergulhada numa descrição detalhada de como ia arrancar cada unha de Zeev Feinberg em sua volta. Quando reconheceu o *shochet*, teve medo de que, ao ouvir o que ela dizia, adotasse algumas daquelas ideias. Logo se acalmou ao lembrar que um *shochet* experiente como Avraham Mandelbaum não precisava das sugestões dela para lidar com carne e unhas, então perguntou a ele por que estava lá. Desde o dia da fuga de Iaakov Markovitch e Zeev Feinberg eles se evitavam ao andar pelas ruas. Avraham Mandelbaum estalava, constrangido, seus dedos grossos, e Sônia pensou que, não fossem seus quase dois metros e seus mais de cento e sessenta quilos, pareceria um menino. Com olhos baixos e voz hesitante, disse que tinha ido ali se contagiar com a raiva dela.

“Não é uma gripe, você sabe.”

“Sim, mas quem sabe?” Ele contou que já fazia muitos e longos dias que não estava com raiva de Zeev Feinberg, nem

mesmo um pouco. Toda vez que tentava soprar o fogo de sua ira e avivá-lo, com pensamentos detalhados sobre Zeev Feinberg curvado sobre sua mulher, nenhum sinal de raiva se manifestava em seu coração.

“Já que é assim, o que é que tem?”

“Às vezes, no açougue, quando acabo de desmembrar algum animal, fico lá com os pedaços de carne tentando juntá-los novamente na minha cabeça. Às vezes dá certo, e vejo tudo ficar inteiro de novo, como na visão do Apocalipse, a carne que está sobre a mesa, os órgãos internos no lixo, a pele jogada no chão e a cabeça, que sempre embrulho num pano para Rachel não ver, pois lhe causa náuseas. Mas às vezes não dá, e eu fico sentado ali no banquinho, cercado de pedaços de carne, perguntando-me onde está o cordeiro.”

Sônia registrou em seu íntimo que aquela era sem dúvida a conversa mais longa que já mantivera com Avraham Mandelbaum. Talvez imaginando também que era a conversa mais longa que Avraham Mandelbaum mantivera em toda a sua vida.

“Acho que não estou entendendo. Qual é a ligação entre o cordeiro e Zeevik?”

“Não estou achando, Sônia. Não estou achando a raiva. Quando fui à casa de Feinberg naquela manhã estava disposto a esfolá-lo vivo. Mas quando voltei para casa já não queria matar ninguém. Estava cansado.”

Pela primeira vez desde sua chegada à praia, Sônia desviou os olhos do mar. Ela virou-se para Avraham Mandelbaum e segurou suas mãos, de açougueiro e *shochet*. Os olhos dela eram afastados um do outro o bastante para dividir o que estava sentindo: o olho direito era todo tristeza; o olho esquerdo era todo compaixão.

“Não é da minha raiva que você precisa, Avraham. Use a sua. Faça alguma coisa com ela.”

À noite quem a visitou foi o vice-comandante do Irgun. Antes de partir para a Europa, Zeev Feinberg o tinha feito jurar que iria até o norte e diria a ela que havia viajado. “E o mais importante”, salientara Feinberg, “diga que voltarei.” O vice-comandante do

Irgun contou para Sônia qual era o objetivo da viagem, ressaltando que era o único jeito de “salvar o traseiro dele, que, assim entendo, é muito importante para você”. Depois olhou em frente, contemplando pela janela a noite para a qual poderia voltar dentro de um instante, com o ouvido pronto para escutar os balbucios da gratidão dela. Quando eles demoraram a vir – o que aconteceu com “o que faríamos sem você?”, “ele deve a vida a você, e eu também”? –, enviesou seu olhar e a examinou novamente. Muito treino e um estrabismo na infância tinham feito dele um especialista nas investigações com o canto do olho. Um observador de fora poderia se enganar e pensar: lá estão um homem e uma mulher numa sala, ela olhando para a parede e ele, para a janela. Quanto à mulher, teria razão, mas quanto ao homem estaria longe da verdade. O vice-comandante do Irgun olhava para Sônia com a mesma concentração com que estudava um mapa topográfico com as características físicas do alvo do próximo ataque noturno. Ele recapitulou as dela em todos os seus detalhes: os olhos afastados um do outro, tantas e tantas sardas a distâncias mais ou menos constantes, queixo largo. Notou também uma ruga sulcando o espaço entre o nariz e o lábio e descobriu que quando sorria o fazia erguendo um pouco o canto esquerdo da boca, movimento que inegavelmente tinha certo encanto. No geral, era bem comum, definitivamente não um motivo de se incomodar em percorrer toda aquela distância de Tel Aviv.

O vice-comandante do Irgun em seu íntimo tinha pena de Zeev Feinberg, um touro reprodutor desperdiçado, que optara por estabelecer residência numa região tão esquecida, não só com um solo que era um útero bloqueado, mas também com mulheres decididamente medianas.

Ele tornou a se afastar da janela. Mais um instante e ia se despedir dela. Mais um instante e sairia por aquela porta. O caminho para Tel Aviv seria escuro e frio, e nele surgiriam todo tipo de visões, daquelas com que um homem só depara ao andar sozinho no meio da noite. Já começava a se levantar quando ouviu a voz de Sônia: “Você o conheceu no navio, não é?”.

O vice-comandante do Irgun respondeu que sim, que conhecia Zeev Feinberg desde o navio, mas “agora, se me permite, o tempo urge”.

Sônia lançou-lhe um olhar divertido e agressivo, cópia exata do olhar dele quando se dirigia a um subordinado, e disse: “Já que você o fez subir num navio, o mínimo que pode fazer é me contar sua história”.

“Por quê?”

“Se não posso vê-lo no presente, pelo menos vou ouvir um pouco sobre seu passado.”

O vice-comandante do Irgun tornou a sentar-se com uma expressão de raiva no rosto. Nunca tinha gostado de remoer as aventuras do passado. Para que ficar ruminando quando se pode dar uma mordida na carne do futuro? Falar muito de suas lembranças as desgastava, como uma camisa que é lavada vezes seguidas até a cor desbotar. Só que ele logo descobriu que enquanto contava a Sônia as histórias do que tinha vivido com Zeev Feinberg no navio elas ganhavam vida própria, surgindo ante seus olhos em cores mais vivas do que nunca. No início, atribuiu aquilo a seu raro talento de contador de histórias, mas logo foi obrigado a reconhecer que não era por causa dele. Era por causa de Sônia. Parecia que cada poro dela se abria para absorver suas palavras. Quando contou como deixara sua família e fora para a cidade, e depois para um navio, os olhos dela se encheram de compaixão. Quando descreveu como quase tinham se afogado numa tempestade, suas narinas tremeram, numa pequena demonstração de medo. Quando relembrou as piadas que tinha contado a Feinberg, ela estremeceu de tanto rir. E alguma coisa no vice-comandante do Irgun estremeceu também. O passado já não era o passado ao ser contado no ouvido de Sônia. Tão grande era sua atenção, tão sincera era sua participação, que aquilo que antes pareciam ser restos frios e obscuros de lembranças voltava a se aquecer, amadurecer, enchendo seu âmago de alegria. Ficaram lá até tarde da noite. Ele derramava nas orelhas dela as piadas contadas no convés, até mesmo as mais indecentes, espantando-se ao não constatar

qualquer rubor de vergonha em seu rosto, e sim um largo sorriso de satisfação. Descreveu em detalhes os brilhantes lances de Feinberg no xadrez e seus estilosos contra-ataques, e ela, mesmo sem entender nada, aplaudia alegre os momentos de reviravolta. Para não magoá-la, ele evitou no início contar as aventuras com mulheres, mas quando Sônia o fitou com um olhar de quem sabe, cedeu e entrou em detalhes. Para uma, disseram que eram irmãos; quando ela não acreditou, alegaram que tinham a mesma marca de nascença no órgão genital, convencendo-a a verificar por si mesma. E houve uma que encheu o corpete com meias no início da viagem, mas o frio obrigou-a a calçá-las durante a noite. Seus seios exalavam cheiro de chulé. E a que tinha declarado que não se entregaria a Feinberg enquanto ele não raspasse o bigode, ao que o vice-comandante do Irgun respondera que não ia aceitá-la enquanto ela não deixasse crescer um bigode. Por fim, ele contou a Sônia sobre a noite de sua chegada à Palestina. Tal foi seu espanto que os olhos afastados se aproximaram, e ele quase não conseguia completar uma frase sem que ela o interrompesse com alguma pergunta: “Com as imigrantes em uma das mãos e as peças de xadrez na outra?”, “O que disseram os ingleses quando viram vocês?”, e, por fim, aquela que alegrou o coração do vice-comandante do Irgun mais do que todas as outras: “E qual era a posição das peças no tabuleiro?”.

Ele saiu da casa dela ao amanhecer. Depois de ter falado durante tantas horas sobre Zeev Feinberg ficara com saudades de seu amigo do outro lado do mar. Passou todo o percurso de volta a Tel Aviv relembrando saudoso sua viagem juntos. O vice-comandante do Irgun estava tão ocupado com as saudades de Zeev Feinberg que somente após dois dias inteiros compreendeu que também sentia saudades de Sônia.

Nos dias que se seguiram, ele sentia o aroma de laranjais em todo lugar aonde fosse. Suas pernas o levavam seguidamente ao porto de Jaffa, onde os comerciantes se assustavam ao vê-lo farejar os caixotes com um olhar saudoso. Por vezes pensava que devia ter se enganado, não era possível que um corpo de mulher

exalasse tal perfume, talvez houvesse no quarto uma bacia cheia de tangerinas. Mas bem no íntimo sabia – não havia lá tangerinas nem toranjas. Por fim seu desejo prevaleceu: comprou um caixote de laranjas, levou-o para seu gabinete no comando e não permitiu que ninguém comesse uma sequer.

Enquanto as laranjas apodreciam no gabinete do vice-comandante do Irgun, Sônia florescia de pé na praia. O ar marinho foi bom para ela. O sol brilhava entre seus seios, e a torrente de maldições que lançava sobre a cabeça de Zeev Feinberg emprestava um rubor permanente a suas faces. Mais do que tudo, era a falta de uma expectativa concreta em suas ações, o aspecto rotineiro daquela espera, a maravilhosa ausência de lógica, que lhe acelerava o sangue e enchia seu corpo de vitalidade.

Ao cabo de uma semana, o vice-comandante do Irgun bateu à sua porta, sentindo-se um homem perdido no meio de um laranjal. Tinha mobilizado toda a sua capacidade verbal para se envolver numa autonegação, convencendo a si mesmo de que de maneira nenhuma estava traindo seu grande amigo Zeev Feinberg. Desde sempre eles partilhavam tudo com que deparavam – mulheres, histórias, garrafas de bebida. Por que seria diferente com Sônia? Porém, mesmo assim sabia, contra a própria vontade, que era diferente. Quando o aroma de laranja já ameaçava enlouquecê-lo, decidiu que a coisa toda ficara desproporcional. Sônia não era senão mais uma amiga de Zeev Feinberg (que com certeza estava em seu caminho passando pelos leitos das mulheres do navio), e só ia alegrá-lo o fato de o vice-comandante do Irgun passá-la um pouco em revista na ausência dele. Estava claro que Zeev Feinberg saberia apreciar a dedicação de seu amigo, que percorrera toda aquela distância até o norte para passar algum tempo com a mulher cujos olhos ficavam apartados um milímetro a mais do que postulava a estética.

Quando chegou à porta quase se arrependeu. Passou perto de uma hora entre as sombras, olhando para a lamparina que ardia na sala. Resolveu então sair da escuridão para a luz, e bateu à

porta. Sônia perguntou: “Quem é?”. O vice-comandante do Irgun hesitou um instante, pensando em como responder, então disse: “Efraim”.

Quando ela abriu a porta, não o reconheceu. Nele não havia nada do homem que tinha visto uma semana antes. A segurança e a arrogância haviam desaparecido completamente, e em seu lugar Sônia percebeu uma debilidade gaguejante, que a fez lembrar os primeiros passos de um cordeirinho, logo após o parto. Entregou-se a ele sem hesitar, mas a gratidão que o homem demonstrou a deixou constrangida. Ele era bonito demais para ter de implorar os favores de qualquer mulher, e o fato de, entre todas, ter implorado exatamente os dela causou-lhe mais embaraço do que prazer. De qualquer forma, sua consciência não a incomodou. Não havia nela nem a satisfação da vingança nem a culpa pela traição. Só a tranquilidade de um corpo satisfeito. Já se haviam passado mais de três semanas desde que Zeev Feinberg escapara da ira de Avraham Mandelbaum, e a verdade era que o corpo de Sônia não causava grande impressão aos que o viam, mas era fonte de considerável prazer para ela própria. Não havia qualquer razão para fazê-lo acumular poeira. Desde a viagem de Feinberg, ela passava as noites sentadas na poltrona, com a garganta rouca das imprecações do dia, tomando chá e mergulhando um dedo róseo no vidro de mel. Com exatamente aquele dedo, ela percorria o baixo-ventre de Feinberg, e pulava para as coxas. Agora, em sua ausência, seu corpo estava órfão e entediado. De fato várias vezes Feinberg subia nela enquanto dormia, e Sônia por sua vez punha-se habilmente sobre ele, deitada em sua cama ao amanhecer, mas as elucubrações da imaginação não se comparavam às carícias da vida real. Por mais selvagem que fosse o sexo em sua cabeça, não deixava sinal algum em seu corpo. E Sônia gostava daqueles sinais quase tanto quanto do próprio ato. Quando estava no campo, no meio do dia, lançava um olhar furtivo ao arranhão que Feinberg deixara em seu seio, à marca de uma mordida que dera em seu ventre. Quando o sol fustigava sua cabeça, ela se consolava com as lembranças que as marcas da

noite evocavam, uma saudação da lua. E agora suas noites eram inanimadas e seu corpo não tinha marcas. Por isso, a presença do melhor amigo de Zeev Feinberg em sua cama pareceu-lhe até mesmo justa: um estava viajando, então o outro cumpria suas obrigações. Até mesmo a prateleira que Zeevik tinha prometido consertar o vice-comandante do Irgun consertara antes de irem dormir.

Assim como Zeev Feinberg antes, ele descobriu que o corpo de Sônia não era outra coisa senão um poço de água doce. Bebia-se dela sem nunca ficar saciado. Mas quando acordou na manhã seguinte a cama estava vazia. Em vão procurou por Sônia entre as paredes da casa e nos caminhos da colônia – ela já fora ocupar seu lugar na praia, maldizendo e xingando Zeev Feinberg com renovadas forças e em voz tonitruante, de todo o coração, com toda a convicção.

4.

Quando Iaakov Markovitch e Zeev Feinberg desembarcaram, caminharam pelo cais acometidos de tontura. O fenômeno era conhecido por quem viajava no mar, e portanto não lhe atribuíram importância. Mas a cabeça continuara a girar no dia seguinte. E no outro. Por fim, Zeev Feinberg disse que a causa não estava no navio, e sim na terra em que pisavam. Eles tomavam café sentados a uma pequena mesa, que rangia sob o peso de Zeev Feinberg. A parte superior de seu corpo cobria toda a sua superfície, e seu cabelo cacheado enfeitava o centro da mesa como uma planta ornamental que haviam se esquecido de podar. Ante a ocupação total da mesa, Iaakov Markovitch foi obrigado a segurar na mão seu copo de café, o de Zeev Feinberg, dois garfinhos e uma torta de creme. A exibição de equilíbrio certamente lhe renderia algumas moedas caso se apresentasse na praça ali ao lado, onde Zeev Feinberg depositara uma dúzia delas no chapéu de um artista que ficara totalmente imóvel durante todo um quarto de hora. Iaakov Markovitch ficara olhando para o artista numa crescente sensação de desconforto e quase o agarrara pelos ombros para sacudi-lo e gritar: “Mexa-se, criatura! Não fique parado aí como um *golem* quando tudo está mudando sem parar; seja outro, outro!”. Ao passo que Zeev Feinberg ficava cheio de esperança diante daquele exemplo de estabilidade, da capacidade de virar as costas para a movimentação da rua, para as pessoas que passavam instando-o a se juntar a seu riso e a suas histórias, excitando-se com algum dito mais picante. Sua língua com certeza estava queimando dentro da boca selada.

No momento em que tinha se afastado do artista, a cabeça de Zeev Feinberg começara a girar novamente. “Vem, vamos nos sentar”, ele dissera a Iaakov Markovitch, e fora assim que Iaakov

Markovitch ficara segurando uma montanha feita de pires de cerâmica, café e torta enquanto Zeev Feinberg se mantinha estirado sobre a mesa sem intenção aparente de se levantar. De dentro de seus abundantes cachos ouvia-se um murmúrio abafado, e Iaakov Markovitch inclinou-se para ouvir melhor. Com aquilo, a montanha que tinha nas mãos perdeu o equilíbrio e se estilhaçou no chão polido do café. O ruído da louça quebrando pareceu aos ouvidos de Iaakov Markovitch só um pouco mais baixo que os da Noite dos Cristais. Uma garçonete aos resmungos precipitou-se em sua direção empunhando uma vassoura como se fosse um fuzil com baioneta. Iaakov Markovitch abriu um sorriso envergonhado para ela, que não surtiu efeito. Quando a mulher se inclinou para juntar os cacos ele espiou o vale entre os seios dela, sentindo-se um bebê. Aquilo sempre acontecia na presença daquelas mulheres, a personificação da eficiência, da ordem e da limpeza, um cheiro levemente azedo de leite e migalhas de bolo no avental. Iaakov Markovitch sentia-se atraído por garçonetes de cafés na mesma medida em que se retraía diante delas, que nunca olhavam para ele, a não ser quando quebrava alguma coisa, para então fulminá-lo com os olhos cheios de rancor antes de se curvar para juntar os cacos, os seios despontando debaixo da boca sussurrando raivosa. Ainda dividido entre a doçura dos seios e a queimação da vergonha, Iaakov Markovitch percebeu que Zeev Feinberg continuava balbuciando, com a cabeça sobre a mesa. Na verdade não tinha parado de balbuciar.

“O que você disse?”

Zeev Feinberg afinal ergueu a cabeça, ignorou os fragmentos da torta de creme e os estilhaços no chão, emitiu um murmúrio de admiração pelos seios da garçonete e dirigiu-se a Iaakov Markovitch. “Eu lhe disse que não estou gostando daqui, Markovitch. Não estou gostando nada daqui.”

Iaakov Markovitch permitiu-se duvidar das palavras do amigo. Nos cinco dias que se passaram desde que haviam descido do navio, Zeev Feinberg tinha engordado cinco quilos, dormido com cinco mulheres e enfiado no bucho cinquenta

litros de bebida. Assim como os outros rapazes que estavam no navio, fora atacado por um acesso de vômito, e satisfazia todos os seus sentidos com os prazeres do continente antes de pô-los para fora e voltar à Palestina.

“Isso lhe parece estranho, não?”, disse Zeev Feinberg enquanto seus olhos tornavam a examinar os seios da garçonete. Através da pele muito branca ele vislumbrou um delicado tecido de veiazinhas azuladas. Ficou olhando para a obra de arte durante alguns instantes e dirigiu-se de novo ao amigo. “Você entende, Markovitch, voltar para a Europa é como deitar com a mulher que você amou quando era jovem. Está tão entusiasmado e saudoso que não é capaz de reconhecer que ela não existe mais. Vai chafurdar em sua carne e olhar em seus olhos em vão. Talvez encontre um tênue resquício da mulher que amou, porém não mais do que isso. Tanto eu quanto os rapazes, desde que descemos do navio, temos ido aos mesmos lugares de antes, tomado as mesmas bebidas de antes. Sussurramos as mesmas frases obscenas nos ouvidos das garotas. Tudo em vão. Daí essa tontura, meu amigo, por isso cambaleamos como bêbados desde o momento em que desembarcamos.

A diferença de pressão entre então e agora é sentida pelos tímpanos e compromete o equilíbrio!”

Iaakov Markovitch assentiu debilmente, seus olhos percorrendo a rede de veiazinhas azuladas no decote da garçonete. Como nunca tinha deitado com a mulher que amava quando era jovem, era-lhe difícil compreender que defeito Zeev Feinberg tinha encontrado ao tornar a fazê-lo. Mas de repente viu se juntarem as veiazinhas no decote da garçonete, parecendo, a seus olhos, ser a fronde da árvore que havia no quintal de seus pais, e então compreendeu. A maior parte dos anos de sua

infância ele passara lutando com aquela árvore, que para ele era a mais elevada de todas, e as cicatrizes em seus joelhos eram a documentação detalhada de seu relacionamento com ela: aqui o joelho ralado quando tentava trepar nela pelo lado direito, aqui o machucado de quando tentou subjugar-la pelo galho da esquerda,

aqui de quando se atirou contra o tronco com toda a ira de um garotinho que fracassava em conquistar a árvore todas as vezes. Os terrores noturnos do menino Iaakov Markovitch não eram diferentes dos de outros, mas seus sonhos bons entrelaçavam-se com os ramos da árvore. Toda noite ele sonhava com a verde fronde, milhares de folhas que mãos humanas jamais tinham tocado estremecendo de repente, quando sua cabeça surge entre os galhos. A árvore lhe falava com dezenas de matizes de verde, e Iaakov Markovitch respondia com palavras afetuosas. A paisagem que se avistava da copa estendia-se aos quatro cantos do mundo, e Iaakov Markovitch contemplava os ursos do polo sul, dos oceanos e das montanhas, e também castelos cujas torres beijavam os céus. Embaixo, mais além dos ninhos de passarinhos e das tocas dos duendes, além das folhas e dos galhos, junto ao grosso tronco, estavam seus pais. Seus rostos pareciam difusos, mas suas palavras eram claras e nítidas. A mãe gritou: “Segure firme”; o pai gritou: “Tenha cuidado”. Mas na verdade os dois estavam dizendo: “Iaakov, Iaakovzinho, como é bom saber que você chegou lá”.

Eles deixaram a casa quando Iaakov Markovitch tinha dez anos, e ele tornou a vê-la quando completou vinte. O Iaakov Markovitch adulto circundou rapidamente a construção que descascava, ignorou as roseiras no quintal e as cuecas de estranhos penduradas no varal, e foi até sua árvore. Num primeiro momento pensou que tinha sido trocada, que, assim como haviam substituído os quadros nas paredes e as roupas no varal, os novos moradores haviam colocado uma árvore nova no lugar da antiga. Mas, quando examinou com horror a textura do tronco, quando amassou uma das folhas, não pôde negar que se tratava da mesma árvore. Daquela vez ele não teria de lutar com ela. Em menos de um minuto já olhava por entre as folhas da copa, os galhos gemendo sob seu peso. Lá embaixo espalhavam-se os quintais mais próximos, tapetes e mais tapetes de roupa colorida a secar e telhados cheios de goteiras. De ursos polares e de duendes nem sinal, mas num quintal vizinho avistou um gato faminto tentando em vão caçar um pombo. Iaakov Markovitch

desceu da árvore e nunca mais voltou.

Sete anos depois, num café luxuoso cuja tranquilidade tinha profanado, ele olhava para a copa da árvore que se formara por um momento entre os seios da garçonete. “Tem razão, Feinberg”, disse, “o homem não deve voltar a um lugar que amou.” Já estava prestes a propor que voltassem para o quarto no albergue e não saíssem dele até o encontro com as mulheres com quem iam casar, que dessem as costas ao presente que arruína o passado, quando Zeev Feinberg sorriu por trás do bigode, como se tivesse tomado uma decisão, então levantou-se da cadeira e ofereceu ajuda à garçonete.

Ela se chamava Ingrid, e tinha uma vida espiritual muito complexa, na qual Zeev Feinberg não estava minimamente interessado. Eles passaram juntos toda a tarde e a noite, que se seguiu sem que Ingrid dissesse uma única palavra sobre os poemas que havia escrito em segredo e as saudades que sentia do pai, que a abandonara quando tinha seis anos. Um mês após o encontro, ela não se lembrava do nome dele, que nem ia reconhecê-la caso se cruzassem na rua (embora a possibilidade de acontecer fosse maior se ela estivesse encurvada no mesmo ângulo em que ele a contemplara no café). O encontro deles foi tão sem sentido que, assim como aconteceu, poderia não ter acontecido. Na verdade, houve dúvida quanto à sua realização.

Assim mesmo, houve alguém profundamente influenciado pelo encontro de Zeev Feinberg com Ingrid, cujo sobrenome não se ficou sabendo. Foi Iaakov Markovitch. No momento em que outra torta de creme era depositada sobre a pequena mesa, Iaakov Markovitch estava indo sozinho para o albergue. De fato nas noites anteriores também tinha ido sozinho para o albergue, mas daquela vez seus passos foram mais pesados. Se algum dos hóspedes do albergue o tivesse visto chegar, com certeza pensaria consigo mesmo: eis aí um homem que fez uma lauta refeição. Seu lento caminhar e sua mão sobre o ventre estavam dizendo aquilo. Mas a barriga de Iaakov Markovitch estava empanturrada de solidão, não de comida, e o sentimento pesava

em seus passos e o direcionava ao quarto. Se estivesse em sua casa, na colônia, sairia para o quintal e alimentaria os pombos. Quando uma criatura viva come de sua mão, você não se sente só. Mas ele não queria alimentar os pombos europeus. Embonecados demais para seu gosto, até mesmo presunçosos, lembrando muito a águia de ferro se vistos de certo ângulo. Sendo assim, Iaakov Markovitch foi para a cama. A noite estava fria, e ele se aqueceu com um edredom e autopiedade, a qual derrete pés congelados melhor do que penas de ganso. Evocava repetidamente a lembrança dos seios da garçonete curvada para a frente, a rede de veiazinhas azuladas, que tangia como se fosse uma harpa. Continuou nisso até que as melodias se transformaram e desenrolaram em sua imaginação, como um gigantesco caderno cheio de notas, como aqueles que seu pai usava e só raramente lhe permitia olhar.

Depois de estudar os seios da garçonete nos mínimos detalhes, Iaakov Markovitch decidiu escolher outros nos quais pensar. Primeiro convocou Rachel Mandelbaum e a dona do albergue, mas logo enjoou de seios reais e passou ao maravilhoso reino das possibilidades. No dia seguinte, por exemplo, ia conhecer vinte garotas judias das quais eles tinham vindo redimir a aflição. Dezenove mulheres agradecidas de um modo geral, e uma – a que ia se casar com ele – agradecida de modo específico. Para deixar tudo organizado, Iaakov Markovitch dispôs as primeiras dezenove em fila, e as passou em revista uma a uma, sem dedicar muito tempo aos rostos. Quando chegou à vigésima, não teve coragem de olhar para seus seios. Era verdade que só no papel, numa operação de resgate, e apenas durante a viagem de navio, mas, assim mesmo, era sua mulher. E não seria de bom-tom um homem passar em revista os seios de uma mulher sem sua concordância. Em vez disso, Iaakov examinou por longo tempo seu rosto, no papel, tanto como pintor e apreciador entusiasmado, como esboçando seus traços na imaginação e admirando sua beleza.

Apesar das feições vulgares de Iaakov Markovitch, não se detinha nelas nem por um instante um olhar fugaz, o rosto da

garota em sua imaginação era o contrário absoluto disso. E como uma pessoa não pode imaginar o que nunca viu, o rosto de sua “mulher por três semanas” era um soma espetacular de partes de rostos que conhecia. Ele lhe deu os lábios de Guila Shatzman, que eram intumescidos como um figo explodindo de maduro, o nariz de sua mãe, pequeno e bem definido, as faces de veludo de Iona, de enlouquecer os touros com seu rubor, e os cabelos de Fania, que o fazia enfiar as mãos nos bolsos para não ceder à tentação de acariciá-los. Por fim restaram apenas os olhos, que perturbaram o descanso de Iaakov Markovitch durante duas horas inteiras. Os azuis lhe pareciam frios, os verdes, malvados, os castanhos, conhecidos. Os de Ahuva eram grandes demais, os de Fania pequenos demais, e ele não conseguia isolar a desilusão que estava estampada neles. Já perto do amanhecer, ficou excitado com a brilhante solução que encontrou e atribuiu-lhe os olhos de Sônia, depois de aproximá-los um do outro um milímetro. Quando finalmente olhou para o rosto completo, passou por Iaakov Markovitch um frêmito de calor, no qual não havia nenhuma pena ou autopiedade. O que havia era esperança.

5.

No dia seguinte, às sete horas da noite, Iaakov Markovitch e Zeev Feinberg saíram para ir a um apartamento na parte leste da cidade, onde fora marcado o encontro com as garotas.

A certa distância deles caminhavam os outros rapazes, alguns aos pares, outros em pequenos grupos de três ou quatro. Embora todos tentassem assumir uma aparência tranquila e um falar relaxado, um cheiro penetrante de perfume e de loção pós-barba os denunciava. Quando chegaram à rua contígua à do apartamento, os rapazes e os grupos já haviam se grudado uns aos outros, formando um só bloco de excitação contida. O chefe oficial da operação, Michael Katz, perscrutou as fisionomias, insatisfeito. Imaginara que ia levar ao apartamento um grupo de combatentes impecáveis, a nata do Irgun na Palestina. Tinha esperado apresentar àquelas garotas pálidas vinte rapazes impávidos, bronzeados pelo sol do Mediterrâneo e fortalecidos pelo trabalho que realizavam. A expectativa ansiosa nos rostos fazia com que os músculos de seus braços, motivo de seu orgulho, mais parecessem uma fantasia vestida por um menino. Afinal, eram vinte jovens varões um momento antes de encontrar com vinte jovens mulheres. Quando entravam no apartamento, o próprio Michael Katz constatou que estava com as mãos suadas. Ao começar a falar, percebeu, chocado, que mais parecia um mestre de cerimônias anunciando o início da festa.

“Minhas senhoras, sou Michael Katz, responsável por esta operação do Irgun em Erets Israel.” Do grupo de mulheres ouviu-se um rumor generalizado de assentimento e reconhecimento, e Michael Katz permitiu-se lançar um olhar rápido àquele harém no meio da sala. A maioria delas se apertava em quatro sofás surrados, e as que não tinham achado um lugar neles estavam sentadas em cadeiras colocadas perto, como

querendo formar um só grupo. Uma das mulheres estava de pé, de costas para ele, olhando pela janela. Junto à parede havia cinco cadeiras vazias, mas como nenhum dos rapazes ousou pegar uma, temendo que fosse a da mulher na janela, todos ficaram de pé. O representante do Irgun na cidade apertou a mão de Katz e começou a discorrer sobre os detalhes da operação. Nos seis dias que haviam se passado desde a chegada do navio, ele tinha subornado quase todos os funcionários que atuavam no âmbito municipal. Na manhã seguinte, com um pouco de sorte, os combatentes iam se casar com as garotas, e no outro dia, com muito mais sorte, partiriam para a Palestina. Quando chegassem em Erets Israel desfariam os casamentos de imediato, mas claro que todas ficariam gratas aos “combatentes do Irgun que salvaram vinte mulheres judias das tenazes de ferro do inimigo!”. As últimas palavras foram pronunciadas com tal celebração que todos os presentes, homens e mulheres, irromperam numa salva de palmas. Michael Katz também, com as mãos suadas, mas em seu íntimo amaldiçoando o representante por ter falado tão bem. Zeev Feinberg aproveitou a agitação geral para passar em revista as mulheres no sofá, retorcendo prazerosamente o bigode, enquanto seus olhos passeavam pela sala.

O olhar de Iaakov Markovitch também fora atraído para os sofás, mas logo vagueara para a mulher de costas à janela. Michael Katz pigarreou, limpando a garganta, com a língua pronta para proferir um discurso floreado que tornaria pálidas as palavras do representante, mas este tornou a se antecipar a ele. “Como não resta muito tempo até o casamento propriamente dito, eu me permito propor que dediquemos o resto do tempo a que os casais, formados ao acaso, se conheçam brevemente. Talvez até consigam brigar um pouco, marca principal dos casados.”

Os presentes riram da piada, e o discurso de Michael Katz morreu dentro dele; com sua irritante língua ferina, o representante tinha desfeito a seriedade festiva que reinava na sala, destruía a elevação daquele momento e não deixara ao

comandante em exercício da operação nada a fazer senão tirar cerimoniosamente a lista que tinha no bolso e ler numa voz que esperava que fosse ouvida em toda a sua majestade.

“Guid'on Gottlieb e Rivka Rosenberg.”

“Iehuda Grinberg e Fruma Schulman.”

À medida que Michael Katz lia os nomes, sua raiva ia se aplacando, para ceder lugar a uma exaltação espiritual. Todo casal fictício que ele anunciava lhe parecia ser como que um escudo e uma espada, uma bala e um fuzil, uma granada e sua trava, em suma, a formação de um par combatente pelo futuro de Israel. Naquele momento sua cabeça não era perturbada por pensamentos românticos. Quase esquecera que se tratava de homens e mulheres, pensava apenas na oposição armada e nas operações de imigração ilegal, a fênix que voltaria a voar ainda que lhe cortassem a cabeça.

Já os combatentes do Irgun tinham esquecido por um momento o futuro do povo judeu e cuidavam de examinar o que o destino lhes havia oferecido. Quando era anunciado o nome de um homem, ele dava um passo à frente; quando se anunciava o de uma mulher, ela se levantava do sofá ou da cadeira. Apertavam-se formalmente as mãos e iam para algum canto da sala, que se enchia cada vez mais de casais conversando. Embora os homens estivessem controlando muito bem a expressão, não foi possível ignorar o sorriso vitorioso no rosto de Iehuda Grinberg enquanto apertava a mão de Fruma Schulman, mão que continuava num braço e terminava num ombro alvo como leite, abaixo do qual estavam dois seios doces como chantili. Tampouco passou despercebida a decepção de Chanan Moskovitch, que tinha investido um bom dinheiro em água de colônia e agora estava perto da porta, oculto pelas carnes opulentas de Chava Blobstein. O sorriso no rosto de Zeev Feinberg não se anuviou nem um pouco quando descobriu que ia se casar com uma garota baixinha com um bigode ralo chamada Iafa. Sabia que, de qualquer maneira, ia visitar todas elas. Beijou sua mão como um cavalheiro e a conduziu até a janela, deixando Iaakov Markovitch sozinho. Quando este olhou

à sua volta, viu que toda a sala estava tomada por casais que conversavam, e só restava a mulher que estava de pé, de costas para todos. Aquilo não escapou a Michael Katz, que elevou a voz de modo especial ao anunciar com muita pompa o último casal fictício.

“Iaakov Markovitch e Bela Zeigerman.”

Por muito tempo, Iaakov Markovitch ia se maldizer pela expressão de seu rosto no momento em que a mulher que estava à janela se virou. A boca aberta, os olhos esbugalhados, tudo aquilo ia persegui-lo aonde fosse. Em vão xingou seu queixo, que despencara como se tivesse vida própria, e suas sobrancelhas, que se projetaram para além da testa. Mas ninguém teria reação diferente se deparasse, num apartamento na parte leste da cidade, com o rosto que pouco antes do amanhecer tinha finalmente completado em sua imaginação.

Por fim Michael Katz foi obrigado a intervir. Esperou alguns instantes, na esperança de que Iaakov Markovitch fechasse a boca escancarada e se aproximasse de Bela Zeigerman, mas ele não demonstrou qualquer sinal de que faria isso. E Bela Zeigerman, que fizera o favor de se virar, não parecia ter a intenção de fazer algo mais. Era necessária uma intervenção externa, uma ação operacional enérgica e precisa, que interrompesse aquele estranho feitiço no meio da sala. Michael Katz compreendeu aquilo e dirigiu-se a Iaakov Markovitch num tom amigável que encerrava uma advertência: “Então, Markovitch, não vai apertar a mão da senhora?”. Iaakov Markovitch olhou para ele estarecido, como se a ideia em si mesma já fosse uma profanação de algo sagrado. Bela Zeigerman sorriu educadamente, e Michael Katz se perguntou como podia ter acontecido que uma mulher daquelas fosse se casar com Iaakov Markovitch, enquanto quem o esperava no outro lado da sala era a macilenta Miriam Hochman. Com enorme esforço Iaakov Markovitch conseguiu se controlar e estendeu a mão para Bela Zeigerman, segurando seus dedos como se levantasse um filhote de passarinho que caiu do ninho. O olhar de Bela Zeigerman pousou um instante em seu rosto. Era a mulher mais

bonita que já tinha visto. O olhar dela não se deteve e seguiu adiante.

Agora estavam ali calados. Michael Katz compreendeu que tinha fracassado. Sem dizer mais uma palavra foi em direção a Miriam Hochman, amaldiçoando em seu íntimo todos os homens menos dotados e todas as mulheres bonitas. Enquanto Michael Katz se preparava para cumprir sua obrigação de manter uma conversa cortês com sua futura esposa, Zeev Feinberg se afastava da sua, deixando Iafa no sofá, enrubescida por algo que ele acabara de lhe sussurrar. Zeev queria ver o que a sorte tinha reservado ao amigo, e mais uma vez reiterou a si mesmo que aquela cadela continuava a dar nozes a quem não tinha dentes. Pois Bela Zeigerman era, sem sombra de dúvida, a mulher mais bonita no apartamento. E apesar de, diferentemente de Iaakov, não achar que era a mais bonita que já tinha visto, sem dúvida pertencia àquele Olimpo em que não se sabia se eram mulheres ou deusas, onde Iaakov Markovitch não seria admitido nem mesmo como criado. Zeev Feinberg sentiu pena do amigo, pois percebeu que seu olhar ia para onde quer que Bela Zeigerman voltasse a cabeça, enquanto o olhar dela buscava tudo o que não fosse ele.

Sem que fosse intenção dela, quase aconteciam na sala as mesmas coisas que acontecem entre quatro paredes quando entre elas há uma mulher bonita. Os homens, que finalmente tinham visto o rosto que precedia aquelas costas, começaram a elevar a voz nas conversas com seus pares, para que seus ditos espirituosos lhe chegassem aos ouvidos. Os que tinham conseguido achar um bom pretexto – “Gostaria de um copo d’água?”, “Aposto que quer tomar um pouco de ar” – voltavam de seus exílios nos cantos da sala e se agrupavam em torno de Bela Zeigerman. As mulheres ficavam ao lado deles, olhando para Bela Zeigerman com uma frieza à qual ela já se habituara, acostumada que estava ao frio europeu no qual tinha nascido e crescido.

Contra a própria vontade, Zeev Feinberg percebeu que também estava cortejando Bela Zeigerman com sua conversa.

Força do hábito. Resolveu contar-lhe sua ousada fuga da faca do *shochet*, história que já conquistara um lugar de honra entre os rapazes e foi recebida com as esperadas exclamações de espanto ao ser contada agora, pela trigésima vez. Os rapazes bateram palmas nas passagens certas, e as mulheres, para quem aquilo era novidade, inclinavam-se para a frente interessadas, até Zeev Feinberg já saber quais entre elas arrancavam os pelos do bigode e quais não precisavam fazer aquilo. Nos longos dias a bordo do navio, Zeev Feinberg tinha aprimorado a história a um nível de obra de arte, encurtando passagens sem importância e alongando a faca de Avraham Mandelbaum. Sabiamente, ele interrompia a narrativa ao som das risadas, anuía às exclamações de espanto e tentava com todas as forças expulsar a visão do mímico em sua pantomima imóvel na praça da cidade.

Afinal, quem o fez foi a própria Bela Zeigerman, ao tocar com a mão em seu braço, dizendo: “Mas diga-me, isso realmente aconteceu?”.

Zeev Feinberg a olhou, a mente buscando febrilmente a frase que a faria ser sua. Mas de repente viu que os olhos de Bela Zeigerman eram nada menos que os olhos de Sônia, e compreendeu que jamais deitaria com ela. Decidiu, portanto, ajudar seu companheiro.

“Verdade verdadeira, minha senhora. Temos aqui o testemunho de meu amigo Iaakov Markovitch, que salvou minha vida da ira do *shochet*.”

Ao dizer aquilo, virou-se à procura de Iaakov Markovitch, que já desaparecera fazia algum tempo, com dor de barriga. O rosto de Bela Zeigerman contraiu-se ao tentar lembrar.

“Iaakov Markovitch, conheço esse nome.”

“Claro que conhece, madame, ele é seu marido.”

Desde a infância, Bela Zeigerman tinha certa resistência a aceitar o mundo como ele era. Certa queixa silenciosa que se fosse expressa poderia se resumir a uma interrogação espantada: “O quê? É só isso?”. Ela olhava os pombos na praça, os lampiões na

rua, a cor que desaparecia do céu quase na hora do pôr do sol, e decidia que não era possível que terminasse assim. Uma toalha de algodão engomada. Uma garrafa de leite com a validade vencida. Aquilo não era tudo. Não podia ser. Outra garota talvez se sentisse atraída por alguma seita religiosa. Bela Zeigerman optou pela poesia. O bom Deus não tinha nada a oferecer a não ser o mundo que tinha criado: pombos na praça, lampiões de rua, toalhas e garrafas de leite. Mas, diferentemente do bom Deus, um poeta não se limita a seis dias de criação, e acorda a cada manhã para destruir mundos e criá-los novamente.

Por isso Bela Zeigerman amava poesia, e amava poetas. Quando perdeu a virgindade na cama de um, ele comparou o sangue no lençol ao florescer de uma rosa, e a dor entre suas pernas imediatamente passou. Como os fazedores de milagres que transformam cajados em serpentes, água em vinho, aquele mortal tinha transformado um fluido corporal numa flor. Depois, irrompera a guerra. O poeta tentara criar com suas palavras um mundo justo e desaparecera de sua casa no meio da noite. Outros poetas também foram presos, ou fugiram, ou se submeteram às exigências do regime e criaram com suas palavras tipos de mundos que Bela Zeigerman não queria visitar. Depois de ler num jornal a tradução de um poema sionista escrito por um poeta hebreu, ela decidiu ir para a Palestina. Seus pais suspiraram aliviados. Uma moça tão bonita em tempos tão difíceis era receita certa para encrenca.

Quando Bela Zeigerman passou a ser Bela Markovitch e embarcou no navio, seus pais deixaram de se preocupar, mas as preocupações de Michael Katz estavam só começando. Ao se imaginar comandante daquela operação, num quarto cheio de umidade e mofo na rua Bar Kochba, em Tel Aviv, planejara como ia ludibriar os alemães e enganar os soldados britânicos. Nunca chegara a pensar que a maior ameaça ao sucesso do programa viria de uma moça judia que pesava mais ou menos cinquenta quilos. Enquanto estavam na metrópole, a beleza de Bela Zeigerman não tivera uma influência devastadora, pois a cidade era grande o bastante para que o veneno se espalhasse pelas ruas

e se dissipasse sem causar danos. Mas agora latejava como se fosse uma ferida no âmago do navio. Os rapazes eram atraídos por ela como moscas e as mulheres se aninhavam nela como vermes. Durante quase dois dias o navio seguiu na direção contrária só porque o capitão ficava olhando Bela em vez dos instrumentos. Irrompiam pelo menos duas brigas por dia quando seu nome era pronunciado. Os soluços de Chava Blobstein roubaram o sono do navio inteiro quando Chanan deixou claro que ela podia ser sua mulher no papel, mas o coração dele pertencia a Bela.

Mesmo depois que Chava Blobstein adormeceu, e com ela todo o navio, os olhos de Iaakov Markovitch continuaram abertos. Na verdade quase não os tinha fechado desde que Bela Zeigerman virara-se para ele no apartamento no setor leste da cidade duas semanas antes, como a temer que ela sumisse no meio do sono e nunca mais conseguisse encontrá-la. Estava deitado de costas pensando no navio a caminho de Erets Israel, onde Bela Zeigerman seguiria um caminho e ele outro. Ela para o Olimpo, ele para a colônia. Quase saiu correndo até a sala das máquinas para fazer o navio parar. A aventura de sua vida chegaria ao fim dentro de alguns dias, e Iaakov Markovitch voltava como tinha ido, pois, se por um lado seu coração transbordava, por outro suas mãos estavam vazias.

Ele queria se aconselhar com Zeev Feinberg, mas mesmo sem levantar a cabeça sabia que seu amigo não estava na cama. Desde que tinham zarpado da Europa ele passava as noites no convés, e Iaakov Markovitch supunha que, metódico como sempre, o amigo passava em revista as camas das mulheres em ordem alfabética. Estava enganado. Desde que fitara os olhos de Bela Zeigerman, que pareciam em tudo com os de Sônia, exceto que eram mais próximos um do outro em um milímetro em relação à medida que a estética postulava, não queria outra coisa além de estar com ela. Passava noites inteiras na companhia de Bela Zeigerman, discorrendo para ela sobre as qualidades de Sônia e lamentando suas traições no passado. Bela, que não estava acostumada com um homem a seu lado pensando em outra,

achou que era uma novidade curiosa. Nele não havia poesia, sem dúvida, mas era inegavelmente uma daquelas figuras sobre as quais se escreve poesia. Com seus olhos azuis e seu espesso bigode, parecia um Odisseu de segunda voltando para Penélope. Embora tivesse prevaricado em suas jornadas, havia dominado seus impulsos malgrado a súplica das sereias. E elas suplicavam, não havia dúvida. Iafa, com seu bigode, embora soubesse muito bem que não ficaria com ela quando chegassem em Erets Israel, esperava seus favores durante a viagem de navio. E Fruma Schulman, agora Grinberg, cujos seios de chantili estremeciam diante dele aonde quer que fosse. Também Miriam Katz, que no início se enchera de orgulho pelo fato de ter sido unida pelo destino ao comandante da operação em pessoa, logo começou a buscar a proximidade do comandante de fato. Toda noite Zeev Feinberg subia para o convés, ignorava as piscadelas, respondia com um educado aceno de cabeça a propostas mais ou menos implícitas, e olhava nos olhos de Bela até sua cabeça ficar clara e límpida como água. Depois descia para a cama e dormia o sono dos justos.

Iaakov Markovitch não sabia daquilo. Estava tão imerso em seu amor por Bela que todo o tempo que passava com o amigo usava para falar dela. Não perguntava a Zeev Feinberg o que ele fazia toda noite, e ele por sua vez tampouco contava. Afinal de contas, não tinha mesmo nada para contar, pois desde que conhecera Bela Zeigerman havia se tornado puro como um bebê.

Naquela noite, Iaakov Markovitch se revirou na cama sem parar, sabendo que, por mais que se revirasse, não conseguiria mudar a direção do navio, que continuava firme em sua rota, rumo ao tribunal rabínico. Por fim, quando não conseguiu mais aguentar as vozes dentro de sua cabeça, saiu para ouvir vozes de outras pessoas. Talvez ouvisse as conversas dos casais no convés, talvez, se a sorte lhe sorrisse, encontrasse Zeev Feinberg em suas jornadas noturnas, talvez – o coração fremia só de pensar – desse de cara com Bela. Desde que subira no navio só estivera com ela por alguns minutos, e, para sua tristeza, poderia contar com os dedos de uma mão as palavras que tinham trocado. A

conversa mais longa que haviam tido até então acontecera numa sala de espera abarrotada, um dia depois de tê-la visto pela primeira vez, minutos antes de seu casamento. Os combatentes do Irgun e suas mulheres fictícias tinham combinado de não vestir roupas de festa, como forma de distinguir entre o sagrado e o profano, entre casamentos voluntários e por falta de alternativa. Mas Iaakov Markovitch brilhava, irradiando luz, sob os olhares de censura de Michael Katz e os risinhos dos rapazes, e Bela Zeigerman, apesar de não sentir qualquer emoção excepcional, irradiava aquela luz de mulheres bonitas na qual outras mulheres se queimam e por cujo calor os homens são atraídos. Enquanto esperavam pelo rabino, Iaakov Markovitch reuniu toda a coragem que tinha e ficou de frente para Bela Zeigerman. Ela era meia cabeça mais alta que ele, por isso Iaakov Markovitch se consolou com a ideia de que o olhar de Bela seguia o padrão habitual quando continuou a se fixar no horizonte, e não nele.

“Está emocionada com a viagem para a Palestina?”

Não ousou esperar que se emocionasse com o casamento, mas esperava que a emoção pela proximidade da Terra Santa se passasse um pouco para os meios usados para se chegar lá, ou seja, ele mesmo.

“Com certeza. Li muito sobre laranjas.”

Bela Zeigerman parou ali, sem acrescentar mais nada. Disso, Iaakov Markovitch concluiu, alegre, que sua mulher gostava de ler sobre agricultura, como ele próprio. Na estreita prateleira de livros em sua casa na colônia apertavam-se, ao lado dos escritos de Jabotinsky, todo tipo de guias agrícolas – cultivo de trigo e aprimoramento das cepas, como plantar uma árvore e fazer um enxerto, como cortar o caule sem machucar a planta. Bela Zeigerman sabia declamar Goethe de cor, mas era duvidoso que recitasse a lista de pragas capazes de ameaçar o vinhedo com o mesmo sucesso. Quando mencionou as laranjas foi por ter se lembrado de um verso de um poeta hebreu publicado num jornal:

*O sol, laranja como da laranja a cor,
enche o coração de heroísmo e vigor.*

O recorte do jornal, cuidadosamente dobrado, fora inserido num pingente que repousava entre seus seios. Antes daquilo tinha guardado ali o retrato de seu amante poeta, mas seu coração se confrangeu à ideia de que o retrato ia durar mais do que seu modelo. Decidiu portanto substituí-lo pelas palavras do poeta hebreu, que eram – graças a Deus – uma promessa para o futuro, e não um monumento ao passado. Era da natureza daquelas palavras junto à sua pele que abrissem caminho para dentro. E, de fato, as palavras do poeta hebreu – poéticas, elevadas, impregnadas da essência da fruta – chegaram à pele de Bela Zeigerman e causaram uma irritação. Ela coçou-se um pouco e olhou contrariada para sua pele já ficando vermelha, mas não tirou o pingente.

“Então a senhora gosta de laranja?”

Bela Zeigerman assentiu de forma enérgica, firme e inequívoca, mas com um pequeno ponto de interrogação atrás. Gostaria mesmo de laranja? Tinha comido uma pela primeira vez no verão anterior, mas seu preço lhe parecera então exagerado, e era dezenas de vezes inferior à maçã. Mas no momento em que seus olhos pousaram no poema no jornal ficou completamente encantada por laranjas. Ela insistiu com seus pais e conquistou o direito de comer uma por dia, sabendo que para aquilo teriam de abrir mão de outros produtos. Mas agora tentava se lembrar do gosto e não conseguia, porque o real sabor dos gomos em sua boca era sempre encoberto pela expectativa. Bela Zeigerman mordida diariamente a polpa com os olhos vidrados, e diante deles havia vinhedos e campos verdejantes, colinas cobertas com tapetes de flores. Entre as árvores passavam os fazedores de milagre, transformando um cajado numa serpente, água em vinho, sangue em rosa. O poeta hebreu estendia a mão para colher uma laranja e eis que tinha na mão o próprio sol, dando-o de presente a Bela Zeigerman.

“Sim”, ela disse a Iaakov Markovitch, “gosto muito muito de

laranja.”

Iaakov Markovitch prometeu que lhe compraria laranjas assim que chegassem à Palestina. Bela Zeigerman sentiu o contato do pingente em seu seio e sorriu, deixando Iaakov Markovitch todo alegre.

Desde então quatro dias haviam se passado. Ele tentou em várias oportunidades continuar a conversa, discorrendo para Bela Zeigerman sobre vários tipos de laranjas e de pulgões, e sobre um novo método para aumentar a colheita. Mas o olhar de Bela desviava-se dele para o mar. “O que vê lá?”, perguntou Iaakov Markovitch a Zeev Feinberg quando se encontraram uma noite. “Pela expressão no rosto dela daria para pensar que um cardume de baleias!” Bela Zeigerman não tinha nenhum interesse em baleias, da mesma forma que não tinha o menor interesse por pulgões ou pela melhora das colheitas, ou mesmo por laranjas. Ela olhava para a água porque era uma visão opaca, o material adequado onde as laranjas da expectativa podiam navegar, uma trilha alaranjada que se espraiava a partir do pequeno navio para muito longe, até a Palestina.

Depois de se revirar cento e trinta vezes na cama, Iaakov Markovitch compreendeu que não podia esperar mais. Só faltavam alguns dias para que a viagem chegasse ao fim, e se quisesse ficar com Bela a primeira coisa a fazer era sair da cama e procurá-la. Enquanto percorria o convés pensando em qual seria a segunda coisa, ele avistou o perfil de Bela Zeigerman. Ela estava sentada num caixote, conversando com um homem que estava de costas para Iaakov Markovitch. A luz da lua incidia no cabelo dela e o pintava com faixas prateadas. O homem disse alguma coisa, e Bela Zeigerman começou a rir. O coração de Iaakov Markovitch contraiu-se, mas não foi dilacerado. Bem no íntimo sabia que só um milagre tinha feito com que se encontrassem. Como ousara pensar em acrescentar ao milagre do encontro a expectativa de que ela se entregasse? Mas então o homem virou a cabeça e o coração de Iaakov Markovitch por fim se dilacerou, pois embora estivesse escuro eram bem distinguíveis as linhas que desenhavam um bigode espesso,

imponente e encaracolado.

6.

Nas longas noites em que tentou fazer o navio parar com a força do pensamento, Iaakov Markovitch não imaginou que tivesse um sócio na empreitada. Durante o dia, o vice-comandante do Irgun cumpria suas obrigações. Organizava remessas de armas, participava das decisões do alto-comando e era objeto da admiração de todo combatente. Mas, à noite, deitado na cama, rezava por correntes marítimas que atrasassem um pouco o retorno de Zeev Feinberg. Como era um homem racional, o vice-comandante do Irgun sabia que a salvação não viria das correntes marítimas, por isso depositou sua esperança no fator humano. Vinte mulheres europeias no mesmo navio; teria de haver entre elas uma que conquistasse o coração de Zeev Feinberg. Então, quando voltasse nos braços de outra, talvez Sônia finalmente deixasse de amaldiçoá-lo, pois o contrário do amor não é o ódio ou impropérios, e sim a indiferença silenciosa. Mas em seu íntimo o vice-comandante do Irgun sabia que Feinberg não ia encontrar outra mulher. Como poderia? Se ele mesmo, apesar de ter procurado tanto por uma alternativa, voltava a bater à porta de Sônia.

Três dias antes da data marcada para a chegada do navio, com os cabelos de Sônia espalhados como um leque em seu ventre, ele perguntou-lhe o que faria quando Feinberg voltasse.

“Acho que vou lhe dar uma boa surra.”

“Talvez você não tenha motivo para tanto, Sônia. Talvez de tudo isso tenha resultado o bem. Resultado nós.”

Ela ergueu a cabeça. Onde as mechas de seu cabelo tinham aquecido o ventre do vice-comandante do Irgun batia agora um vento frio. Olhava-o com espanto. Um homem bonito, generoso e corajoso, assim como Zeev Feinberg. Viria o dia em que eles seriam nomes de ruas tangenciando um cruzamento

movimentado. Por que deveria se ligar a um deles em detrimento do outro? Mas exatamente por aquele motivo tinha de perseverar em sua decisão, caso contrário ficaria passando toda a vida de um homem bonito, generoso e corajoso a outro homem bonito, generoso e corajoso. Como uma pessoa que devora muitas paisagens, mas nunca fica num mesmo lugar tempo suficiente para cultivar uma flor. Sônia voltou a se deitar. Seu corpo decididamente mediano despertava no vice-comandante do Irgun sentimentos nada medianos. Ele quis tecer rimas a seu ventre e enfeitar com palavras seu rosto, mas como era mais militar do que poeta acabou declarando que mataria quem ousasse erguer a mão contra ela. O vice-comandante chafurdou em sua carne até o sol nascer, e Sônia, depois de ter lhe dado seu corpo para viagem, abriu a porta e disse: “Agora vá. Não volte. E não diga a ele uma só palavra”. Depois beijou-o pela última vez e sussurrou: “Efraim”, e o vice-comandante do Irgun deixou por um momento de ser o vice-comandante do Irgun e voltou a ser Efraim pela última vez na vida.

Três dias depois o navio entrou no porto de Jaffa. Os homens em terra batiam palmas e as mulheres no convés levavam lencinhos à testa para enxugar o suor. Fazia calor. Muito calor. Os seios de chantili de Fruma Grinberg desmoronaram ao próprio peso com grandes gotas de suor. O bigode de Iafa Feinberg brilhava à luz do sol. O único consolo das mulheres foi descobrir que até mesmo uma egressa do Olimpo como Bela Zeigerman tem sob suas axilas glândulas sudoríparas. Sua alegria foi prematura: as duas manchas redondas sob as mangas de seu vestido só deixaram claro para os homens que ela era humana, não uma visão delirante, e agora dedicavam toda a sua energia a tecer laços que perdurassem após o fim da viagem. Bela Zeigerman desceu do navio com cerca de dez homens disputando quem ia carregar seus pertences, enquanto suas esposas legais curvavam-se sob o peso das próprias malas. O vice-comandante do Irgun, que estava no píer, pálido e encurvado, saudava os recém-chegados. Seu aperto de mão era enérgico como sempre, mas seu aspecto assustou os

combatentes, e espalhou-se o boato de que fora ferido por um projétil numa operação misteriosa algumas noites antes. A história do projétil, por mais exagerada que pudesse parecer, era muito mais lógica do que qualquer tentativa de atribuir sua fisionomia a um coração partido. E assim o heroísmo do vice-comandante do Irgun ferido que fora receber seus homens deixou de ser um boato para ser um fato consumado, elevando seu status e pregando o último prego no caixão de quem fora um dia Efraim Handel. O último a descer do navio foi Iaakov Markovitch. Nos dias anteriores não cruzara a porta de sua cabine, e havia concordância geral de que fora acometido de um enjoo de rara intensidade. Quando o vice-comandante do Irgun apertou sua mão, soube imediatamente que não se tratava de enjoo, assim como Iaakov Markovitch soube que não fora um projétil que atingira o vice-comandante. Ambos entreolharam-se como quem olha seu reflexo no espelho, e mesmo não tendo trocado uma só palavra souberam tudo o que precisavam saber.

Quando Michael Katz começou seu discurso festivo, o vice-comandante do Irgun percebeu que não tinha visto Zeev Feinberg. Ele procurou entre os rapazes: Grinberg estava lá, e também Moskovitch; Gottlieb trocava piscadelas cheias de significado com Breverman, e Markovitch estava junto ao píer com expressão taciturna. De Feinberg, nem sinal. Embora não quisesse perturbar o discurso de Katz, e dava para ver que tinha sido aprimorado e polido a cada dia de viagem, o vice-comandante do Irgun não conseguiu se conter. Enquanto Katz ainda mencionava a pátria que abria os braços para receber os que chegavam, ele o interrompeu para perguntar: “E onde está Feinberg?”.

Katz parecia irritado com a interrupção, mas teve o bom senso de se controlar quando viu quem tinha falado. “Pulou do navio quando estávamos chegando”, disse. “Obrigou-nos a navegar até o lugar que lhe convinha e simplesmente nadou até a praia.”

Na verdade não tinha sido tão simples. Zeev Feinberg era certamente um homem robusto, mas os dias passados no navio o

tinham enfraquecido, e já fazia muito tempo que não nadava no mar, com uma imigrante em uma das mãos e peças de xadrez na outra. Quando saltou para a água, as aclamações dos homens chegaram a seus ouvidos, e o espanto das mulheres debruçadas na amurada aqueceu seu corpo. Mas então perdera o navio de vista e apenas o mar se estendia à sua frente, faltando pelo menos cinco quilômetros até chegar a Sônia. Ele não sabia que ela o esperava na linha d'água, mas assim mesmo fora dominado por um ímpeto misterioso de deixar o navio antes que aportasse, numa posição que o deixava – ou assim esperava – bem em frente à trilha que levava à colônia.

A ideia lhe ocorrera alguns dias antes, quando conversava no convés com Bela Zeigerman, altas horas da noite. Tinha acabado de discorrer sobre as qualidades de Iaakov Markovitch, na vã esperança de despertar nela ao menos uma centelha de interesse. Bela escutava educadamente, mas logo ficou enfasiada de falar sobre seu primeiro marido, um homem afável mas esquecível, e perguntou a Feinberg o que ia fazer quando encontrasse Sônia. Ao cabo de longos dias passados no mar, Bela Zeigerman sentia em relação a ela aquela proximidade que um menino sente em relação aos heróis das lendas que lhe contam na hora de dormir. Porque todas as noites ouvira as aventuras de Sônia contadas por Zeev Feinberg, e já sabia como tinha dado à luz um bebê fazendo o parto ela mesma e como afugentara sozinha ladrões de cavalos, uivando como um lobo escondida nos arbustos.

Zeev Feinberg teve de desistir de sua tentativa de ajudar Iaakov Markovitch e entrou em outras searas. Contou como ia morder os lóbulos das orelhas de Sônia, como ia aspirar o aroma de laranjas no pescoço dela, como ia se desviar se tentasse bater nele por causa de suas prevaricações, o que era muito provável que fizesse. Enquanto falava, lamentava as horas insípidas que perderia entre Tel Aviv e a colônia, e finalmente tomara uma decisão. “Quando nos aproximarmos da Palestina vou dizer ao capitão do navio que costeeie o litoral e passe pelo ponto em frente à localização da colônia. Aí vou pular e nadar até ela.” Bela Zeigerman caiu na gargalhada. O luar coloria seus cabelos com

linhas prateadas, que Zeev Feinberg nem percebia, tão imerso estava nos planos de seu retorno para Sônia. Subitamente assomou-o um forte desejo de contar seus planos para Iaakov Markovitch. Ele ia compreender. Porque o ilógico não parecia mais ser ilógico quando era contado para Iaakov Markovitch. E apesar de a maioria dos passageiros do navio não lhe lançarem mais do que um rápido olhar, ele ainda assim era o melhor amigo de Zeev Feinberg.

Zeev Feinberg despediu-se de Bela e correu para a cabine que dividia com Markovitch, onde encontrou a porta trancada e um bilhete, que leu com dificuldade: *Passando muito mal. Favor não incomodar*. Nos dias seguintes voltou a bater à porta, primeiro para receber notícias sobre a saúde do amigo, depois para pegar pelo menos suas cuecas limpas, mas continuava trancada. Finalmente Zeev Feinberg resignou-se e imaginou que voltaria a ver o amigo na hora do divórcio. Quando se despediu de Bela, fê-la prometer que transmitiria lembranças suas.

Zeev Feinberg nadou para a praia cheio de ansiedade. Quando cansava, ficava boiando por alguns momentos, mas logo imaginava estar sentindo o aroma de laranjas e voltava a nadar. Nadava, nadava, nadava, nadava e nadava, depois nadava e nadava, e nadava mais um pouco, até que finalmente chegou.

Naquele mesmo momento Sônia estava na praia, olhando para a água. Em sua última visita o vice-comandante do Irgun tinha lhe dito que o navio estava a caminho do porto de Jaffa, e a força do hábito a fizera continuar olhando o mar, e não na direção sul, por onde Zeev Feinberg deveria chegar. A espera na estrada é diferente da espera na praia. Na estrada passa muita gente, e o coração toda vez dá um sobressalto e volta a se acalmar, oscilando entre a esperança e a decepção como um barco em mar agitado. Mas da água não vem ninguém, apenas um pequeno caranguejo ou uma gaivota gorducha, enviados obtusos cuja fala não se entende, de modo que o ouvido achará nela o que quiser achar. Naquela manhã Sônia ficou olhando a dança do caranguejo, inspirando-se no que via para amaldiçoar Zeev

Feinberg. “Tomara que crave as tenazes em sua genitália... depois que eu pegar você, vai andar de lado, como ele, por toda a vida.” Mas sua voz estava mais fraca do que de costume e suas imprecações tinham azedado como leite. Depois de tão longa espera, a raiva de Sônia se dissipara. De fato todos falavam nele, que seu nome se espalhara por todo o vale, mas por isso mesmo afastara-se da realidade, a ponto de Sônia ter dificuldade de reconhecê-lo.

Também foi-lhe difícil reconhecer Zeev Feinberg. Quando saiu da água – nu, molhado, os músculos tremendo com o esforço e os olhos das cores das profundezas – pensou que estava tendo uma visão de Netuno. Quando ele deu o primeiro passo na areia, os caranguejos fugiram e a deixaram sozinha. Quando caiu de joelhos à sua frente, exausto, envergonhado e grato, as gaiotas saíram voando com um grito estridente. Então Sônia olhou para o homem que saíra do mar e seus olhos se encheram de ira, a boca, de palavras de censura e de raiva, como se não tivessem se passado muitos dias desde que estivera pela primeira vez naquela praia. Ela começou a maldizer Zeev Feinberg em voz alta e ressoante. Os caranguejos cavaram e se esconderam, as gaiotas voaram mais alto, mas não conseguiram escapar daquelas invectivas. Enquanto isso Zeev Feinberg não tentava escapar; continuava ajoelhado, o rosto erguido para absorver as palavras dela, a chuva abençoada de vitupérios e xingamentos. Finalmente Zeev Feinberg se ergueu e a beijou, seus lábios salgados da água do mar, os dela adoçados pela espera. Assim que a língua dele saía de sua boca ela voltava a xingar e a amaldiçoar, como uma garrafa cuja rolha se retira. Zeev Feinberg riu e a ergueu em seus braços, e Sônia aumentou a vituperação. E foi assim que percorreram todo o caminho até a colônia, ele a carregando nos braços e ela o xingando a cada passo que dava.

7.

Avraham Mandelbaum estava acabando de abater e retalhar um bezerro de pelo dourado quando viu pela janela Zeev Feinberg, com Sônia em seus braços, andando pelo caminho principal. Feinberg não vestia nada a não ser um pedaço de pano que rasgara do vestido dela. O ressoar das imprecações de Sônia fazia estremecer os umbrais das portas e os caixilhos das janelas. Avraham Mandelbaum pegou sua faca e a limpou bem. Sempre a limpava após o abate, para não misturar sangue com sangue, o do animal já morto com o do que seria morto. Na outra extremidade do açougue a cabeça do bezerro olhava para ele. Anos antes, quando ainda estava começando em sua atividade, tinha a impressão de ver raiva nos olhos dos animais mortos, e não gostava de ficar entre eles depois que escurecia. Depois pensou que aquilo não era raiva, mas resignação, talvez até mesmo compaixão. Hoje sabia que nos olhos do bezerro não havia nada, a não ser o que ele mesmo punha lá. Então ele pôs compaixão e fechou a cortina. Quando se virou viu Rachel Mandelbaum com a mão na barriga. Havia pouca luz e ele quase não enxergava seu rosto, mas pareceu-lhe que estava sorrindo.

Quando acordou na manhã seguinte, Zeev Feinberg assustou-se ao ver que Sônia já estava vestida.

“Aonde vai?”

“Trabalhar. Dificilmente se ganha o pão ficando na praia.”

Ele a tomou nos braços e disse: “Hoje não. Hoje você vai comigo para Tel Aviv”.

“O que você tem a fazer em Tel Aviv?”

“Tenho de me divorciar. E me casar.”

Quando Zeev Feinberg e Sônia chegaram à sede do comando do Irgun encontraram o lugar agitado e apinhado de gente. Além

dos vinte casais fictícios, estavam no prédio da rua Bar Kochba combatentes que não tinham participado da operação mas pretendiam flertar com as novas divorciadas, assim como funcionários e dirigentes, homens públicos e curiosos. O vice-comandante do Irgun manobrava entre toda aquela gente com um contido ar de majestade. Naquele dia apertou mais mãos do que apertara em toda a vida, mas cuidou de prolongar cada aperto um enésimo de segundo, fazendo o outro acreditar que havia autêntica estima ali. Ele sentiu que Sônia havia chegado ainda antes de vê-la, pois no decorrer das seis últimas semanas aprendera a identificar o cheiro de laranja até mesmo numa rua movimentada. Teve, assim, alguns segundos para se recompor antes de estar diante dela num vestido azul, imagem de uma doce rotina que não era dele. O aviso antecipado de sua chegada de nada adiantou. Bastou o vice-comandante do Irgun olhar para Sônia para perder a cor. Zeev Feinberg não o percebeu, e lançou-se em sua direção com todo o seu entusiasmo.

“Meu caro e bom Froike! Não há o que dizer, devo muito a você.” O vice-comandante do Irgun balbuciou algumas palavras convencionais que tinha guardado em mente para horas de aperto como aquela, em que a alma está em polvorosa, mas a boca cumpre sua missão. “O que você disse? Não dá para ouvir, amigo! Você tem de aprender com minha Sônia, que ontem fez a colônia inteira ouvir seus gritos.” O vice-comandante do Irgun fez o máximo que podia para sorrir. Como era um homem com muitas aptidões, conseguiu produzir uma imitação de sorriso absolutamente verossímil. Zeev Feinberg deu uma batidinha em seu ombro e beijou Sônia no rosto. O vice-comandante do Irgun apalpou a pistola no bolso em busca de consolo. Não tinha nenhuma intenção de atirar em Feinberg ou em si mesmo, claro, porém o metal frio arrefeceu o sangue em suas veias e o fez lembrar de que ainda havia muitos árabes para matar, e que talvez o sucesso da vitória da pátria adoçasse o fracasso no amor. Zeev Feinberg seguiu adiante em direção ao público. Sônia foi atrás dele, demorando-se mais um instante junto ao vice-comandante do Irgun, que aspirou a plenos pulmões o perfume

de laranjas e viu os lábios dela, perfeitos em sua simplicidade, sussurrarem “obrigada”.

Os homens alegraram-se ao ver Feinberg e as mulheres olharam admiradas para Sônia. “Por causa de uma mulher assim, viver como um monge franciscano?” Iafa Feinberg foi além, e começou a chorar. Sônia caiu nas graças daquelas mulheres quando correu para oferecer um lenço à esposa fictícia de seu amado. Ela ainda consolava a chorosa Iafa quando Zeev Feinberg aproximou-se e a pegou pela mão.

“Venha. Tem alguém que quero apresentar a você.”

Zeev Feinberg teve de abrir caminho através do círculo de homens que cercava Bela Zeigerman. Quando afinal ficaram frente a frente, ele e Sônia de um lado, Bela do outro, os olhos desta última se iluminaram.

“Então os tubarões não devoraram você.”

Sônia bufou, com desdém. “Que tubarão ia querer morder um porco imundo como esse?”

Enquanto os três riam, Bela e Sônia avaliavam-se mutuamente. Além dos olhos idênticos, não havia entre elas nada em comum, mas mesmo assim a simpatia foi imediata. Zeev Feinberg fez uma apresentação formal: “Bela Markovitch, minha noiva Sônia”.

“Markovitch?”, perguntou Sônia, interessada. “Foi você que se casou com nosso Iaakov?”

“Não por muito tempo”, respondeu Bela. “Os rabinos vão chegar a qualquer momento. Daqui a pouco haverá aqui vinte casais divorciados.” Aquilo foi dito em voz alta demais, pois Iafa Feinberg recomeçou, conseguindo ainda contagiar Chava Blobstein. Michael Katz percebeu tudo aquilo e suspirou, ansiando pelo momento em que finalmente estaria livre de problemas lindos como Bela Zeigerman, voltando a se ocupar com atividades mais simples, como contrabando de armas. Afastou-se então para esclarecer onde estavam os rabinos e dar uma olhada nas anotações para seu discurso.

Depois de acalmar as mulheres que choravam, Sônia perguntou a Bela Zeigerman onde estava Iaakov Markovitch. Ela

respondeu que não tinha a menor ideia. “Acho que ele ficou doente no fim da viagem. Ontem eu o vi no porto e lhe transmiti lembranças do nosso nadador aqui. Logo depois nos conduziram ao albergue.”

Zeev Feinberg franziu o rosto, preocupado. “Coitado. Devia estar bem mal. O que achou do aspecto dele ontem?” Bela Zeigerman respondeu que Iaakov Markovitch lhe parecera estar perfeitamente bem, mas que melhor resposta seria dizer que não lembrava. Desde que tinham se conhecido seu olhar não se demorara no rosto dele, e claro que aquilo não havia mudado num dia tão cheio de reviravoltas como o anterior. Desde o momento em que descera do navio ficara cercada de jovens hebreus, e cada um deles lhe parecia ser um poeta em potencial. Fora levada, com todas as outras mulheres, para o albergue. O sol lhe ofuscava a visão, e quase não conseguia ver a paisagem das ruas. O suor lhe brotava em bicas. Diferente das outras, que gemiam de calor, Bela Zeigerman alegrou-se com o suor, como se estivesse expelindo de si todas as lágrimas da Europa, camadas e mais camadas de gelo e podridão que escorriam dela para as calçadas e de lá fluíam para o mar. Quando chegaram ao albergue, ela adormeceu de imediato, embalada pelas vozes das mulheres que olhavam para ela e cochichavam: “Princesa”. Dormiu a tarde e a noite inteira, e só acordou quando Fruma Grinberg foi sacudir seu ombro dizendo: “Venha, Bela, vamos nos divorciar”.

Quando os rabinos chegaram, todos aplaudiram. Michael Katz esperou que as aclamações se extinguissem e começou seu discurso. “Este é um dia emocionante, um dia de festa.” Aqui interrompeu seu discurso um rabino de rosto irado e barba comprida.

“Peço licença, mas discordo. Vinte casais se divorciando não é motivo de festa. Para nós está claro que neste caso vidas foram salvas, por isso não criamos dificuldades, mas por favor... sem comemoração.” Enquanto um perplexo Michael Katz pensava em como protestar, o rabino tirava do bolso uma lista e lia os nomes de Fruma e Iehuda Grinberg. Os seios de chantili de

Fruma fremiam de expectativa e Iehuda os contemplou com saudade quando caminhavam para uma sala ao lado, acompanhados pelos rabinos.

Nos trinta minutos seguintes tudo decorreu normalmente. Duas pessoas entravam casadas na pequena sala e saíam dela alguns minutos depois com os documentos do divórcio. Alguns saíam de mãos dadas. Avishai Gottlieb e Tamar Aizenman, por exemplo, tinham combinado comemorar juntos com um almoço. Havia cada vez menos gente. Quando Zeev Feinberg e Iafa entraram na sala, só Bela e Sônia esperavam do lado de fora.

“Onde está Markovitch?”, pensou alto Bela, com uma ruga de preocupação em sua testa perfeita.

“Talvez ainda dormindo”, sugeriu Sônia. “Tem certeza de que ele parecia estar bem ontem?”

Bela Zeigerman ainda tentava processar aquilo mentalmente quando Iakov Markovitch entrou na sala. Estava pálido e tinha emagrecido, mas caminhava ereto como um soldado. Sônia correu para abraçá-lo, mas naquele momento a porta da sala ao lado se abriu para expelir a chorosa Iafa, e a voz de Zeev Feinberg ressoou lá de dentro: “Sônia! Venha! Vamos nos casar!”. Ela beijou Iakov Markovitch no rosto e apressou-se a entrar na sala, radiante. Iakov Markovitch e Bela Zeigerman ficaram a sós. A luz do meio-dia entrava pela vidraça da janela e se fragmentava nos desenhos dos azulejos. Bela Zeigerman continuou linda de doer durante os minutos que se passaram até abrir-se a porta da sala lateral. Zeev Feinberg saiu com Sônia Feinberg nos braços. Ela já não imprecava nem xingava, às gargalhadas. O riso de Sônia ecoava pelas paredes e fazia os rabinos se remexerem, incomodados, em suas cadeiras.

Quando Zeev Feinberg notou a presença de Iakov Markovitch, o sorriso em seu rosto se alargou. “Você melhorou! Gostaria de abraçá-lo, meu amigo, mas, como pode ver, minhas mãos estão cheias.” Ao dizer aquilo ele ergueu Sônia bem alto. “Vamos descer e trazer vinho para comemorar o acontecimento. Prometa que não vai sumir antes de voltarmos!” Zeev Feinberg não esperou pela resposta. E por que deveria? Em seus braços

tinha a única resposta, fundamental, a toda pergunta, a tudo o que pudesse acontecer. E a resposta era “sim”.

Mais uma vez, Iaakov Markovitch e Bela Zeigerman ficaram sozinhos na sala. Ele não olhava para ela e ela não olhava para ele. Iaakov Markovitch precisou reunir todas as suas forças para tal. Já Bela Zeigerman não precisou fazer força alguma. Os dois cometeram um erro crasso ao não se olhar. Iaakov Markovitch errou ao não aproveitar a última oportunidade que teve de olhar para Bela Zeigerman ainda calma, tranquila e afável. Bela Zeigerman errou ao não olhar para Iaakov Markovitch para ver a mudança que nele ocorrera. Pois, ainda que, como sempre, se chamasse Iaakov Markovitch, era outra pessoa. O erro de Bela Zeigerman foi mais grave que o de Iaakov Markovitch. Como o erro de alguém querendo atravessar um rio que conhece e diz: “Sei que a correnteza é fraca”, não toma cuidado e se afoga, pois era inverno e as águas tinham subido. Bela não prestou atenção em Iaakov Markovitch, que se enchera de águas turvas.

“Iaakov Markovitch”, a voz do rabino trovejou da sala lateral. Bela Zeigerman foi até lá. Iaakov Markovitch ficou onde estava. Ela virou-se e olhou espantada para ele.

Iaakov Markovitch olhou para Bela Zeigerman e disse: “Não”.

“Como assim, ‘não’?”

“Não vamos nos divorciar.”

Pela primeira vez desde que se conheceram, Bela Zeigerman olhou longamente para o rosto de Iaakov Markovitch. Muito longamente. Devagar, perscrutou suas feições, demorando-se na linha determinada que se formara em sua testa, nos olhos duros, nas costas eretas. Tinham estado lá todo aquele tempo sem que os tivesse percebido, sem se precaver em notar sinais de perigo num olhar profundo no rosto do marido? Talvez – assustou-se – tudo aquilo fosse consequência da viagem no navio, fruto do desânimo em longos dias de uma expectativa que não levaria a nada. Bela tentou evocar a imagem de Iaakov Markovitch quando o conhecera, no apartamento num subúrbio da cidade. Embora não conseguisse totalmente – só lembrou que sua boca se abria de maneira bastante ridícula –, estava certa de que não tinha

então aqueles olhos de rocha. O homem tinha mudado, ela não sabia exatamente quando ou por quê, mas de qualquer maneira perguntas desse tipo não ocorrem a um animal encurralado. Bela Zeigerman lançou a Iaakov Markovitch um olhar de corça e disse: “Se você é um homem honrado, vai me deixar ir embora”.

Iaakov Markovitch disse consigo mesmo: *Ela não me quer*. E admirou-se de que uma constatação tão trivial pudesse causar uma dor tão forte. Então pensou: *Mas isso é proibido, é proibido*. E por um momento sentiu seu coração se aplacar, e entre os joelhos aquela tepidez edematosa que se segue a uma decisão: *Agora fique tranquilo e volte para casa, vá para sua terra e sua solidão*. Ele voltaria para casa e para a mulher de Haifa, que na verdade era muitas mulheres, mas ao mesmo tempo era uma mesma mulher de pernas abertas, e, ainda que seu gosto fosse diferente, o gosto amargo da vergonha em sua boca a caminho de casa era o mesmo. Ele viveria sua vida – trabalhar no campo pela manhã, alimentar os pombos ao meio-dia, folhear Jabotinsky à tardinha. A imagem de Bela Zeigerman iria se apagar aos poucos e por partes: primeiro as sobrancelhas, depois o busto, por fim os olhos e as orelhas. Ele ia se esquecer dela dia após dia, mas de sua derrota não: ter estado tão perto de viver sua vida com uma mulher como Bela Zeigerman, mas perder a coragem. Com o pensamento, o coração de Iaakov Markovitch tornou a enrijecer, a pulsar com tal força desafiadora que assustou por um instante seu dono. “Não”, anunciou o coração de Iaakov Markovitch. “Não e não e mais uma vez não.” E aquele homem, que até então era um gaguejar constante, um longo e monótono “talvez”, sentiu o não se arredondar dentro dele, preenchê-lo. Sabia agora que não ia desistir de Bela. Viveria com ela, e sua vida seria um inferno absoluto. Mas preferiu a certeza do inferno à eternidade da dúvida.

Quando Zeev Feinberg e Sônia subiram pela escada com uma garrafa de vinho, encontraram na sala uma Bela Zeigerman pálida e três rabinos em torno dela em suas roupas pretas. Em sua palidez, Bela parecia um cadáver que circundavam para a

tahará. Mesmo sem saber o que tinha acontecido, ambos recuaram, como uma pessoa saudável que se afasta de um doente, como alguém alegre que evita alguém triste. Foi um passo pequeno, mas Bela percebeu, porque durante toda a sua vida as pessoas tentavam se aproximar dela, e daquela vez estavam se afastando. Ante aquele pequeno passo, Bela fez algo que não tinha feito – nem quando Iaakov Markovitch virou-se e saiu, apesar de suas súplicas, nem quando os rabinos a acossaram pondo as garras para fora e fazendo perguntas humilhantes. Quando Bela viu Zeev Feinberg e Sônia recuarem, começou a chorar.

Sônia percebeu toda a sua angústia e correu para abraçá-la. Olhou para seus olhos lacrimosos e começou a chorar também. Pois eram idênticos, e a partir de então nenhuma das duas poderia chorar sem que a outra chorasse. Ainda estavam abraçadas chorando quando tudo estremeceu à voz de Zeev Feinberg, com uma garrafa de vinho agora supérflua numa mão e a barba de um rabino na outra.

“O que está acontecendo aqui?”

Ao ouvir seu grito, a intensidade do choro de Bela aumentou, e o rabino ficou imóvel e calado. Não é todo dia que um gigante enfurecido como Zeev Feinberg, com olhos irados e o bigode em chamas, pega você pela barba. Os dois outros rabinos começaram a gritar com Feinberg para que largasse seu colega, e seus gritos se misturavam aos soluços de Bela como se fosse um dueto entre um órgão e um violino. Foi então que Sônia falou, numa voz tranquila e clara que silenciou os dois rabinos e fez Zeev Feinberg largar o que restava da barba do terceiro.

“Foi Markovitch, Zeevik. Ele não concorda em conceder o divórcio.”

Bela parou de chorar e olhou para Sônia – como conseguira decifrar o motivo de seu choro? Mas não fora de Bela que Sônia compreendera o que tinha acontecido, e sim de Markovitch. Ao contrário dela, Sônia tratara de olhar para o rosto de Markovitch quando ele entrara na sala. E apesar de estar a ponto de explodir de alegria e expectativa, percebera como sua expressão tinha

endurecido. Talvez por estar então toda “sim” conseguira sentir nele o “não” que ia se formando. Mas naquele momento Zeev Feinberg a tinha chamado para se casarem, e Sônia parara de atuar como um sismógrafo para os sentimentos alheios e dedicara-se aos próprios sentimentos. Agora culpava-se pelas atrevidas demonstrações de amor que fizera a Zeev Feinberg diante de Iaakov Markovitch. Em seu orgulho tinham pensado que seu amor ostensivo seria como uma chuva redentora, e na verdade fora um ácido corrosivo para o coração daquele homem solitário.

Os pensamentos que passavam pela cabeça de Zeev Feinberg eram outros. Não culpava a si mesmo, tampouco Sônia, claro, e sim o enjoo que tinha acometido seu amigo e confundira suas ideias. Conquanto fosse um especialista em todos os prazeres da carne e todas as artes da sedução, Zeev Feinberg era um homem ingênuo. Ainda não tinha compreendido que não fora por motivo de doença que seu Markovitch tinha se trancado em sua cabine, mas por ter ficado aflito quando vira sua esposa conversando com seu melhor amigo. Mesmo se Iaakov Markovitch lhe dissesse: “Vi vocês naquela noite”, Zeev Feinberg não ia se constranger nem um pouco, pois sabia que nada acontecera naquela ou em qualquer outra noite. Zeev Feinberg era realmente um homem ingênuo, e não sabia que as coisas que acontecem dentro da cabeça de alguém são muito mais importantes do que as que acontecem diante de seus olhos.

Os rabinos se remexiam em seus lugares, desconfortáveis. Ainda tinham de realizar casamentos naquele dia, e enterrar pessoas, e em algum lugar era provável que um menino estivesse comemorando seu *bar mitsvá*. Quanto tempo ainda teriam de passar na companhia daqueles três – uma mulher linda a ponto de seduzir os mais pios, outra que adivinhava o que se passava no coração de alguém, e o terceiro, que Deus os livrasse. Começaram a se encaminhar para a porta. Zeev Feinberg percebeu e deu um pulo. “O marido está doente, meus senhores, sua cabeça está girando. Mas é claro que a mulher pode ter seu divórcio, ela não vai continuar casada só porque ele está com

enjoo marítimo.” Os rabinos tiveram de reunir toda a sua coragem para dizer que pessoas continuavam casadas por muito menos que um enjoo marítimo e que não se concedia um divórcio sem a concordância do marido. Se Zeev Feinberg quisesse lhes arrancar as barbas, só passaria vergonha. Divórcio, de qualquer modo, não ia haver.

Os rabinos saíram da sala e o choro de Bela recomeçou ainda mais forte. Era inacreditável que um corpo tão pequeno fosse capaz de verter tantas lágrimas. Zeev Feinberg já era um homem casado, mas ainda não suportava ver uma mulher chorar. Ele lhe serviu vinho, acariciou seus cabelos como se ela fosse uma menina e garantiu que, quando passassem os últimos sintomas do enjoo, Iaakov Markovitch concordaria em desfazer o casamento. Bela Markovitch ouviu e acreditou, não exatamente por força dos argumentos de Zeev Feinberg, e sim de sua esperança.

Naquela mesma noite, Michael Katz foi à casa do vice-comandante do Irgun, triste e um tanto deprimido. Uma hora antes tinham ido à sua casa Zeev Feinberg e aquela mulher inexpressiva com quem tinha se casado, acompanhados por uma criatura frágil parecida em tudo com Bela Zeigerman, só que a cor desaparecera de seu rosto como se tivesse sido apagada com um pano qualquer. Com expressão séria, Zeev Feinberg lhe dissera que Iaakov Markovitch tinha viajado de Tel Aviv sem conceder o divórcio a Bela Zeigerman, sua esposa absolutamente fictícia e espantosamente legal. “Suponho que o enjoo tenha confundido sua cabeça”, disse Feinberg. “Com certeza virá dentro de um ou dois dias para completar o processo. Seja como for, é melhor informar Froike.” Michael Katz olhou para Zeev Feinberg com rancor. Não bastara tirar dele o comando da operação, agora vinha se exhibir mencionando o nome do vice-comandante do Irgun, que o próprio Michael Katz não ousava pronunciar.

“Por que não lhe conta você mesmo, Feinberg, já que Markovitch foi para a missão como uma concessão, para

acompanhá-lo?”

“Ficamos sentados durante três horas na entrada do comando, esperando que ele voltasse. Precisamos ir para a colônia. Vá esta noite à casa dele, talvez até lá tenha voltado da ação em que deve estar. Sônia, Bela e eu vamos ficar esperando em minha casa por alguma notícia sua.” As últimas palavras, Zeev Feinberg disse de costas para Katz, indo em direção à porta. Já com a mão na maçaneta, virou-se. “E lembre-se: Iaakov Markovitch é meu amigo. Se falar mal dele vou cuidar para que nunca mais fale mais nada.” Zeev Feinberg saiu. Sônia saiu. Bela Zeigerman saiu.

Quando a porta se fechou, Michael Katz escondeu o rosto nas mãos. Mesmo que Iaakov Markovitch tivesse sido um agregado de Zeev Feinberg, estava sob sua responsabilidade. Seus primeiros passos como comandante iam levá-lo a um beco sem saída se não fosse capaz de fazer nem mesmo com que um homem como Markovitch cumprisse suas ordens.

Tenso e aflito, foi até a casa do vice-comandante do Irgun. Vinte metros antes da porta já chegava a seu nariz o cheiro de laranjas. Preenchia a rua toda, infiltrava-se entre as lajes da calçada, circundava as latas de lixo. Seria um estratagema dos ingleses? Uma manobra diversionista para enganar a Legião Árabe? Michael Katz avançou com passos cautelosos. Enquanto batia discretamente à porta, olhou em volta para verificar se não fora seguido. Nas janelas das casas brotavam rostos que olhavam para ele com espanto, as narinas se dilatando para aspirar o aroma cítrico. A rua inteira acompanhava com os olhos os eflúvios daquele odor, direto até a casa do vice-comandante. Quando a porta se abriu, o choque da cena o atingiu com toda a sua força: centenas, talvez milhares de laranjas rolavam pelo chão, entre grandes e pequenas, cor de laranja e esverdeadas, algumas com a folha ainda no pedúnculo, outras sem qualquer sinal que lembrasse a árvore de onde tinham vindo. O vice-comandante do Irgun dirigiu-se ao interior da casa e Michael Katz foi atrás, lutando para manter o equilíbrio entre os obstáculos esféricos. Em vão. Exatamente quando o vice-